

O
GRANDE LIVRO DOS PINTORES,
O U
ARTE DA PINTURA,
CONSIDERADA EM TODAS AS SUAS PARTES, E DEMONSTRADA
POR PRINCIPIOS,
COM REFLEXÕES SOBRE AS OBRAS D'ALGUNS BONS
MESTRES, E SOBRE AS FALTAS QUE NELLES
SE ENCONTRAÕ,
POR GERARDO LAIRESSE,
COM HUM APPENDICE NO PRINCIPIO
SOBRE OS PRINCIPIOS DO DESENHO
TRADUCCÃO DO FRANCEZ.
DE ORDEM,
E DEBAIXO DOS AUSPICIOS
D E
SUA ALTEZA REAL
O PRINCIPE REGENTE N. S.



L I S B O A,
NA TYPOGRAPHIA CHALCOGRAPHICA, TYPOPLASTI-
CA, E LITTERARIA DO ARCO DO CEGO.

M. DCCC1.

PRINCIPIOS DO DESENHO
TIRADOS
DO
GRANDE LIVRO DOS PINTORES,
OU
DA ARTE DA PINTURA,
DE GERARDO LAIRESSE,
TRADUZIDOS DO FRANCEZ PARA BENEFICIO DOS
GRAVADORES DO ARCO DO CEGO,
DE ORDEM,
E DEBAIXO DOS AUSPICIOS
DE
SUA ALTEZA REAL
O PRINCIPE REGENTE N. S.



L I S B O A,
NA TYPOGRAPHIA CHALCOGRAPHICA, TYPOPLAS-
TIÇA, E LITTERARIA DO ARCO DO CEGO.

M. DCCCXI.

S E N H O R.

O Ter sido incumbido em nome de V. A. R. da criação do novo corpo de Gravadores do Arco do Cego, cujo numero no breve periodo d' hum anno chegou a vinte e quatro, me fez conhecer que sahiaõ das Aulas de Desenho, estabelecidas pelo Augusto Avõ de V. A., que Santa memoria haja, unicamente com alguma prática de copiar, mas nenhuma dos principios, em que esta se deveria estabelecer, menos da noticia historica dos heróes, que se fizeram célebres nesta sublime profissaõ, naõ só para se animarem com calor a imitallos, mas tambem para chegarem a occupar hum dia no templo da immortalidade hum assento a par dos mais sublimes Mestres. Assim debaixo da protecção de V. A. R. vemos ir no seu encalço a Freitas, Costa, Silva, Eloi, Vianna, e outros, tendo sómente por Mestres o seu genio, e talento

Por este motivo, SENHOR para que fosse omnimoda a minha obediencia às Soberanas intenções de V. A. R. me resolvi a traduzir,

e fazer traduzir, e imprimir tudo, quanto se tem escripto a este respeito, deixando aos meus pobres adidacticos a escolha das doutrinas, que devem seguir, dos modélos, que devem imitar.

Pobres, SENHOR, chamo; porque, sem outra despeza mais que a do seu jornal, procuraõ, no seio de sua propria pátria, fazerem-se illustres na sua profissaõ, ao contrario pois dos que viajaõ, a fim de aprenderem, que avelados com o gosto daquelle leite, que fôra dos seus lares os alimentou, nunca lhe perdem o amor, e ficaõ, esquecidos da sua arte, sendo gravosos aõ Estado. O Exame dará a prova

He com o maior respeito

De V. A. R.

Humilde Vassallo

Fr. José Mariano Velloso.

P R E F A Ç A Õ

DO TRADUCTOR FRANCEZ.

O TALENTO superior que Lairesse mostrou em todas as partes da Pintura , e as bellezas admiraveis de todos os generos , que characterisaõ a maior parte de seos chefes-d'obras , farão eternamente precioso o conhecimento dos principios da arte que tinha adoptado para si , e os processos , que empregou para a elevar a hum sublime grão de perfeição ; o que fez dizer a hum homem de genio e de gosto , cujo juizo não póde ser equivoco , que » *o grande livro dos Pintores de Lairesse* , de tanto soccorro aos aprendizes , lhe » mereceo o titulo de Bemfeitor das artes » que seus trabalhos illustraraõ » (1) pelo que esta obra foi traduzida em muitas linguas , e obteve o seu author o reconhecimento , e elogios de todos os artistas , e

A de

(1) Gessner , Carta sobre a Paisagem.

de todos os verdadeiros conhecedores que souberaõ aprecialla.

Com effeito ninguem talvez profundou melhor , que Lairesse todas as partes da pintura ; ninguem ajuntou huma theoria mais bella e mais sublime á principios melhores e mais solidos ; e ninguem , ao menos , desenvolveo , a meu ver , d'hum modo mais luminoso , nem mais sinceramente os segredos de sua arte. Alguns pintores , na verdade , indicáraõ o que era preciso fazer-se , porém nenhum , como o nosso author , ensinou o como.

Nascido com huma paixãõ incomprehensivel pela pintura , dotado d'hum genio ao mesmo tempo profundo , e poetico , como tambem d'hum espirito agradavel e nutrido pela leitura dos melhores authores classicos , e d'hum conhecimento singular da historia e da fabula , Lairesse inventava com admiravel facilidade ; e sem possuir a mesma correçãõ de desenho que Poussin , mereceo igualmente ser comparado á este celebre artista (1) , tanto por seu grande modo de compor , como por sua attençãõ escrupulosa em observar as regras da historia , e o costume

(1) Deo-se lhe o nome de Poussin Hollandez , titulo de qual se fez quasi sempre digno.

me dos povos antigos. Suas composições são ricas, embellesadas de tudo, quanto permite o objecto, sem que nisso haja nada superfluo ou inutil. Ali se descobre ao primeiro golpe de vista as principaes figuras distinctas de todas as outras, que não são mais que accessorias: E cada figura tem ar e acção proprias a caracterisar a paixão actual de sua alma; de sorte que reconheceo sem equivoco; o Deos, ou Heróe que elle representou.

Conheceo muito bem tanto a animação e expressão que resultaõ do meio caminho da acção, que indica não somente o que tem precedido, como o que deve seguir do movimento que faz a figura. Sabio, engenhoso, e claro em sua allegoria; as fez mui bellas e nobres. Tractou a architectura como grande mestre, e homem; que tinha continuamente debaixo dos olhos os monumentos de Athenas e de Roma. A perspectiva linear lhe era familiar, e via-se pelas suas pinturas, á que ponto possuio a magica da perspectiva aerea e visual, sobre a qual dá idéas novas em seus escriptos. O lançado de seus panos, sempre feliz, era no gosto dos grandes mestres da Italia. Os apanhados são simples, largos, amplos, e provaõ que elle

conhecia o effeito do peso especifico dos estofos, como tambem sua rigidez, ou sua flexibilidade natural. A lição da sua obra nos fará conhecer tambem os principios que prescrito se tinha sobre o colorido; principios que se achão confirmados pelos toques firmes, e delicados de seu pincel, como pela belleza e veracidade de sua côr. Era igualmente habil em representar todas as qualidades de metaes, e de marmores, e sobre tudo era taõ excellente em pintar o baixo relevo de marmore branco, de maneira, que chegava a enganar a vista mais perspicaz, como se pôde convencer por alguns fragmentos deste genero, que existem em Amsterdaõ: talento que deve sem duvida ao estudo particular, que tinha feito da natureza e da qualidade das cores, como da vantagem que hum pincel habil pode tirar. Em huma palavra, não ha alguma parte da arte, sobre que elle não tivesse adquirido conhecimentos profundos por longas meditações e huma practica ardente e continuada; estes conhecimentos, torno a dizer, elle os communicou, e expoz com huma clareza e especie de bondade, que fazem igualmente honra á seu espirito e á seu coração.

Naõ

Naõ he pois sem algum fundamento , a meu ver , que nos lisongeamos que se verá com gosto apparecer a traducçaõ , que o desejo de ser util me fez dar , do *grande Livro dos Pintores* de Lairese , taõ digno , em quanto a mim , de se achar entre as mãos dos novos artistas , e dos que se abrasaõ do desejo de levar a sua arte á maior perfeiçaõ ; e esta mesma vista de utilidade he , a que me determinou á naõ perverter a ordem , que o author deu a sua obra , nem o modo , com que exprime as suas idéas , as quais nos limitamos a dar com fidelidade e clareza. A unica liberdade , que nos permittimos , foi ommittir muitas comparações , muitas vezes longas e sempre inuteis á arte , que o author naõ aventurou sem duvida , se naõ com a vista de procurar algum alivio ao espirito de seu leitor. Talvez se desejaria que nós tivessesemos igualmente ommittido alguns esboços , que Lairese traça dos quadros , que emprega para fazer comprehender melhor seus principios ; porém nos persuadimos que da extensaõ , que estas direcções daõ á obra , e a inutilidade , de que poderaõ parecer á huma certa classe de leitores , achar-se-ha naõ menos , depois de hum exame reflectido , proprios para fazer

zer

zer conhecer a sabedoria do author, e o modo engenhoso e simples, com que faz inculcar seus preceitos em todas as partes da arte, pondo-os por assim dizer, em obra nestes quadros. Pensamos pois que era necessario conservallos todos precisamente, conformando-nos ao axioma de Platao, que Laïresse cita em sua prefacção: » Que não deve haver pejo de dizer » duas vezes a mesma cousa, sendo dita » com acerto. » Nós pusemos no principio do *Grande Livro dos Pintores, os principios do desenho* do mesmo author, de quem tinha apparecido huma traducção á muito tempo, e que não temos feito senão rever sobre a segunda edição Hollandeza, de sorte que apparecia por addicção de duas lições, e algumas passagens que se não encontraõ na primeira. Lancemos agora hum golpe de vista sobre a vida do nosso artista.

Gerard de Laïresse, nascido em Liege em 1640, era filho de Reinier de Laïresse, bom pintor no serviço do Principe de Liege, para o qual trabalhava com Bartholet, cujo estillo era mais agradavel e a cõr mais macia; no mais eraõ íguaes em merecimento (1).

Pa-

(v). Poder-se-ha apreciar o talento de Bartholet pelo ar-

Parêce incerto , se o pai de Lairese , ou Bartholet tivesse sido seu primeiro mestre ; porém he de crer que aproveitasse no principio as lições de ambos , e que pelo tempo adiante os estudos de Bartholet na antiguidade , e nas ruinas de Roma , seu compendio das melhores estampas de Pousin , e de Pedro-Teste acabassem de formar o gosto e o estillo do mancebo Lairese , que consultou mais que tudo muito bem as gravuras de Teste , como se pôde ver em seus primeiros desenhos.

Depois destes primeiros estudos , Lairese deixou sua patria , onde o animavaõ pouco , e se passou para Utrech ; porém não se achou mais felis , pois se vio reduzido , pelo ultimo recurso , a pintar para-ventos , e bandeiras ; quando hum de seus vizinhos o aconselhou o enviar duas de suas Obras a Vilemburg famoso mercador de quadros em Amsterdaõ , que soube com effeito apreciar o seu talento , e que obrigado pelas instancias de Joaõ Van Peé , e de Gribber , que entaõ era o seu pintor , se transportou no mesmo dia

rebatamento do Profeta Elias , que representou no Zimborio dos Carmelitas descalcos em Paris ; por huma adoração dos Reis que se vê na Sacristia dos grandes Agostinhos , e por hum bello tecto nos jardins reaes. Thuileries.

dia para Utrech a buscar Lairesse , para lhe trabalhar em Amsterdaõ. Na manhãa seguinte a sua chegada a esta Cidade Lairesse subio a officina de Vilemburg, onde foi o theatro , em que se lhe apresentou hum panno , lapis , e huma palheta. Depois de estar por algum tempo immovel , e mudo diante do cavalete , puxou o nosso artista debaixo de seu capote huma rebecca , a qual tocou , e depois debuxou a passagem do Menino Jesus em o presepio ; depois disse tornou a tomar a rebecca e tocou , pegou de novo em os pinceis e acabou ao primeiro talhe , em duas horas , a cabeça do Menino , da Virgem , de S. Jose , e do Boi , d'hum modo taõ bello , que encheo d'admiraçaõ á todos os espectadores pela facilidade e graça de sua obra.

Lairesse fez no espaço de dous mezes grande numero de quadros para Vilemburg , que os vendeo bem caros , o que deu reputaçã ao nosso artista , que se aproveitou d'isto , para os vender como seus proprios , e tirar hum partido mais vantajoso de seu talento.

Seria penoso escrever-se , e crer-se tudo , quanto foi capaz de executar em hum tempo taõ breve ; porque , além de muitos grandes tectos , que pintou , encheu os

quar-

quartos e gabinetes com seus quadros ; deixou tambem huma prodigiosa quantidade de desenhos a lapis , e aguarellados ; sem fallar em suas gravuras a agua forte , que Visscher compillou em huma obra completa *in folio* , cuja maior parte de objectos são da mão de Lairese ; de sorte que , se não tivesse sido taõ grande pintor , seria celebre por suas gravuras , que são trabalhadas d'hum modo grande , espirituoso , agradavel , e facil. Hum exemplo de sua grande facilidade tornará verosmil tudo , o que acabamos de dizer. Apostou pintar em hum dia , sobre hum grande panno , Apollo , e as Musas no Parnaso , e o conseguiu a final. Pretende-se , de mais a mais , que Apollo fosse hum retrato semelhante á Bartholomeo Abba , seu amigo , que o veio ver ao meio dia.

Em 1690 , na idade de 50 annos , foi Lairese tocado da cegueira , o que se attribue á huma grande applicação da gravura á agua forte , e á candêa , como o dá a entender elle mesmo. Porém á pesar desta desgraça conservou sempre hum fundo d'alegria , como se verá pela leitura de suas obras ; e ainda que tivesse muitas vezes momentos de tristeza , buscava destrui-la , tomando a flauta , ou a rebeca , que

tocava muito bem ; e unia á musica hum gosto decidido pela poesia , que cultivou tambem com algum successo ; o que deu occasiaõ a hum poeta Hollandez , de dizer a seu respeito.

« Elle pinta em poesia , e descreve na
» pintura. »

Porém o que sobre tudo o consolou , foi o amor , que lhe restou , a huma arte , que elle tinha adorado , e sobre a qual se satisfazia em conversar com seus amigos , aos quaes designava hum dia na semana , para virem ouvillo ; de modo que era , na expressaõ do traductor Alemaõ *dos seus Principios de Desenho* , o centro d'hum circulo d'artistas , aos quaes communicava suas luzes. E quando se despediaõ traçava com greda sobre hum grande panno suas idéas , que fazia copiar por hum de seus filhos , e que a sociedade das artes de Amsterdaõ fez depois imprimir debaixo da revisaõ do mesmo Lairese.

Depois de ter assim completa a sua util carreira , morreo Lairese de idade de 71 annos em Amsterdaõ , e foi enterrado pela sociedade das artes desta Cidade a 28 de Julho de 1711 ; naõ tendo , de que se censurasse , senaõ da grandissima propensaõ para o amor e prazer , que produ-

ziraõ a desgraça de sua mocidade , e que o deixaraõ sem recurso , quando a privação de sua vista não lhe permittio mais restabelecer sua fortuna.

He espantoso que M. Descamps pretenda, que se não possa accrescentar nada aos elogios que Lairese deu ás produções de Glauber , de quem Lairese não disse huma so palavra em sua obra ; porém he , sem duvida , mais de admirar , que o nosso artista guardasse este profundo silencio a respeito de hum amigo , que se hospedava com elle , que presidia ás conferencias academicas , que se fazia em sua casa , cujas encantadoras paisagens elle encheu , á muito tempo , com suas figuras elegantes.

Lairese tinha tres irmãos , Ernesto que era o mais velho , Jacques , e Joaõ seus irmãos menores. Ernesto se distinguio felizmente pela pintura de todos as qualidades de animaes , de que compoz em tempera hum grosso compendio , no principio do qual estava o seu retrato , e que elle vendeo ao Principe de Liege , que o enviou á sua custa a Roma. Morreo em Bonna , de idade de 40 annos.

Jacques que era irmão o posterior do nosso artista , excedia em pintar flores , e

occupou-se tambem de figuras em pedra , ou camafeus , porém com menos felicidade.

Joaõ , o mais moço dos irmãos , applicou-se , como Ernesto , a pintar animaes ; porém não teve o mesmo talento que elle.

Deixou Lairese tres filhos , dos quaes o mais velho , chamado André , applicou-se ao negocio e commercio , e morreo nas Indias , os outros dous , Abraham , e Joaõ , exercitáraõ a pintura igualmente , como seu tio Jacques , de quem se fallou com elogio.

Naõ daremos aqui o catalogo dos quadros conhecidos de Lairese ; porém diremos taõ somente alguma cousa das grandes obras deste artista , que naõ são sujeitas a mudar de lugar.

Ve-se em Liege , na Igreja de Santa Ursula , a penitencia de Santo Agostinho , e seu Baptismo ; saõ dous grandes quadros.

O Martirio de Santa Ursula , na Igreja deste nome , em Aix-la-chapelle.

O salaõ do Castello de Soesdyk , em Hollanda.

O antigo theatro de Amsterdaõ , que se queimou a alguns annos , era tambem obra d'elle.

Houbraken deu , nas *Vidas dos Pintores Hollandezes* , huma ampla descripção das obras em baixo relevo , que Laïresse fez , para adornar a casa de M. de Flines , em Amsterdaõ , e que bastariaõ para immortalisar o nosso artista pelo bello genio , grande conhecimento , e riqueza da composiçaõ allegorica , que alli se encontra.

P R E F A C Ç A Õ

D O A U T H O R.

PARECERA' sem d'úvida singular, que hum homem cego ouse publicar huma obra, escrita por si mesmo s'obre huma arte taõ difficil, como he a pintura, e se pensará que elle teria algum poderoso motivo, que o determinasse a huma igual empreza; no que se naõ enganaráõ. O amor, que sempre tive á minha arte, e o desejo de ser util aos novos artistas, me empenharaõ a tomar este trabalho; tanto mais porque os escritores, que até ao presente tractaraõ da pintura, se entregaraõ antes em tecer hum pomposo elogio desta arte, e dos que a praticaraõ, do que em traçar os principios solidos para adquirilla, e para levalla ao gráo de perfeiçãõ, a que póde chegar. De outra parte, o desgraçado estado, a que me vejo reduzido, me tem violentado a buscar meios de occupar utilmente o meu espirito. Tenho pois lugar de esperar qualquer indulgencia sobre a pouca ordem e methodo, que reinãõ nesta obra, que tenho composto por fragmentos, occupando me ja de huma parte, e ja da outra, segundo me permite a situação de minha alma, e sem que tivesse sonhado no principio publicar as idéas, que longas meditações, e huma prática de muitos annos me fizeraõ nascer

sobre huma arte, que tem formado o encanto da minha vida. Porém movido depois pelas solicitações dos meus amigos, que faziaõ gosto de vir conversar comigo sobre os principios, que eu me tinha formado, compuz hum corpo d'obra, na esperança de que pudessem servir d'algum soccorro aos discipulos. Esta empreza era difficil sem duvida, e merecia muita circumspecção da minha parte; tanto mais que eu me recordava sem cessar dos trabalhos que tenho tido em executalla, d'hum modo digno d'arte, e que satisfaza por mim mesmo as idéas, que meu espirito tinha concebido.

Com tudo o gosto de satisfazer á pergunta dos pintores dos Paizes Baixos, que muitas vezes me fizeraõ a honra de tomar por juiz em suas questões sobre a arte, ainda que não fosse digno, me fez vencer todo o temor, e toda a difficuldade. Não se pense por fim, que pretendo que as regras, que proponho, bastem para conduzir ao artista á perfeição; eu não as dou, pelo contrario, senão como simples ensayos proprios para recordar suas idéas; da mesma sorte que eu me lembro que huma massa de neve, e hum carvão de fogo me tem feito ver muitas vezes cousas, que certamente não existem nem em huma, nem em outra, e que sei bem que o menor indicio basta algumas vezes, á hum espirito bem organizado, para fazer rapidos progressos, como nos ensina a historia da vida de muitos celebres artistas.

Se tenho dilatado mais sobre humas partes, do que outras, he por que humas me parecem merecer mais attenção, ou exigir serem mais bem discutidas, por cãusa das difficuldades, que offerecem; e que, quando se me leraõ as provas para a impressãõ desta obra, achei, que não tinha
ex-

explicado assás claramente as minhas idéas , e que por conseguinte era necessario desenvolvellas melhor , conformando-me ao sentimento de Platao : *Non enim tædet bis dicere , quod bene dicitur.*

Com facilidade se perceberá que , estabelecendo os meus principios sobre a pintura , tenho proposto fazer conhecer a sua utilidade ; que depois produzi as provas dos defeitos , que resultão de não os observar , e que , ao mesmo tempo , indiquei os meios de os remediar ; para que por este methodo se aprenda a conhecer as bellezas da arte , e seus recursos , como tambem o erro daquelles , que pretendem submittella a idéas arbitrias. Talvez se me accusará de prescrever regras , que não tenho eu mesmo observado em minhas obras ; eu me convencerei bellamente desta verdade. Porém he necessario contemplar-se , que , no estado da cegueira , em que me acho actualmente , a minha memoria he melhor e o meu espirito mais tranquillo e mais reflectido ; e que , por conseguinte , posso ajuizar mais saãmente do bem das cousas , do que no tempo , em que o goso da vista permittia entregar-me com ardor á prática da minha arte.

Se se encontrar que algumas estampas desta obra não tem toda a perfeiçã que se deseja , posso segurar que este defeito , que he assás ordinario , não se me deve attribuir ; porque tenho procurado , quanto estava da minha parte , que fossem bem executadas. He preciso tambem , que eu anticipe ao leitor que as duas estampas , que servem de representar as proporções do corpo do homem , e da mulher , foraõ absolutamente mal reduzidas pelo gravador. Quanto aos erros e faltas , que podem ter escapado em o texto , não posso culpar absolutamente senão a mim mesmo.



PRINCIPIOS DO DESENHO ,
OU.
METHODO BREVE E FACIL
PARA APRENDER ESTA ARTE EM POUCO TEMPO.

*Advertença necessaria para intelligencia
deste Tractado.*

TODO o mundo conhece , que hum toucado agradável ajuda ao enfeite d'huma bella fizionomia , e que hum estillo corrente tem grandes encantos para fazer gostar d'hum escripto. Com tudo não he a minha intenção empregar aqui termos exquisitos , nem fallar destes successos extraordinarios , tão conhecidos dos historiadores , para representar diffusamente , aos que amaõ o desenho , a excellencia , a utilidade , e o poder desta arte. Não tenho em vista senão a instrucção dos meus leitores , por ser o unico alvo , que eu me proponho. Eis-aqui , o que tem causado a incertesa , em que á muito tempo tenho persistido sobre a forma , que daria á esta obra , para poder ser util e agradável ao leitor ; e para poder elle mesmo tirar o maior fructo possivel. Pensei dever seguir o exemplo dos mais habeis escriptores do nosso seculo , que tractaraõ tão dignamente o mesmo objecto , ainda que deixassem no esquecimento certas cousas muito uteis ; porém não deve isto causar admiração ; porque esta arte he tão vasta , que não se poderia jamais

possuilla com perfeição, nem também fazer conceber toda sua a extensão. Pareceria talvez estranho que, convencido desta verdade, tenha eu mesmo ousado expor-me á igual empreza. Porém, animado sempre pelo espirito da pintura, julguei que o mais seguro meio de repellir meus desgostos no estado infeliz da cegueira, em que me acho, era executar o melhor, que me fosse possível, e conforme o fraco alcance de meu espirito, o plano, que tinha traçado, quando gosava ainda da vista. Não he que me não recorde o ter já havido muitos escritores, que tractaraõ a mesma materia, servindo unicamente para isso de termos differentes, ainda que a fundo não tenham feito mais do que copiarem-se huns dos outros; o que sem duvida me embarçaria dar á luz este Tractado, senão esperasse apresentar alguma cousa de novo. Apezar disto não duvido que muita gente me achará culpado daquillo mesmo, que reprehendo nos outros; porém me consolarei facilmente; porque o ceo me tem feito a graça de esforçar-me para vencer os maiores trabalhos. A perda só da minha vista parecia formar hum sufficiente obstaculo, e roubar-me toda a esperança de chegar ao fim de meu designio; porém, penetrado das bellezas da minha arte, vou tentar o impossivel, e encarregar-me de fazer meus conhecimentos uteis, aos que a amaõ. He também preciso que eu dé as graças a Deos, de que tocado de meu triste estado, elle tem illuminado os olhos do meu entendimento, fortificado minha memoria, e conduzido minha mão. Porém, quando se lembrassem de criticar-me, ou por causa da simplicidade de meu estillo, ou de algumas pequenas individuações, em as quaes julguei dever entrar, e que se trate a minha obra por fogo de criança, nada me embarçaráõ, com
tan-

tãto que este jogo, todo pueril, como lhes parece, seja util áquelles, á quem se destina. De mais disso, penso que hum modo simples de se enunciar produzirá mais effeito do que hum estillo florido, que seria aqui inutil, e nenhuma impressãõ faria sobre o espirito da mocidade. Naõ he pois como orador, o que ja disse, que me mostro ao Publico; porém como hum homem, que, encantado de sua arte, a tem traçado sobre o panno d'hum modo claro e intelligivel para todo o mundo, e de donde meu filho á tem trasladada para consagralla á todos, os que amaõ o desenho. Ainda que eu naõ dé aqui senaõ os primeiros principios, para uso da mocidade, naõ ha alguem, a quem este livro naõ possa servir de grande utilidade, para chegar ao conhecimento de todas as bellas artes; taes, como a pintura, architectura, gravura, escultura, agrimensura, etc., que se naõ podem aprender senaõ com o lapis na maõ. Além disso, fiz annexar aqui estampas com todas as figuras necessarias, para ajudar a mocidade aproveitar-se melhor das minhas idéas, e naõ tenho deixado passar cousa alguma, a este respeito, de tudo quanto lhe pode ser util. Só a inveja pois he que póde achar aqui alguma cousa que criticar; porém ella se tem feito conhecer á tanto tempo, que eu naõ receio os seus ataques. Eu me lisougeo mesmo que seus tractos os mais vivos se enfraqueceãõ contra o escudo, que lhes opponho, quero dizer, a minha insensibilidade. Demais, se meus leitores querem tomar o trabalho de correr com atençaõ, e do principio ao fim, este pequeno escrito, eu naõ duvido que achem nelle muito mais, do que naõ parecia prometter-lhes no principio. Em fim, se este tractado lhes agradar, eu me confessarei obrigado a dar-lhes logo outro para o adiantamento da pintura.



PRINCIPIOS

DO

DESENHO,

OU

MEIO BREVE E FACIL PARA APRENDER ESTA ARTE
PELOS ELEMENTOS DE GEOMETRIA.

DO mesmo modo que o alphabeto ou conhecimento das letras serve de introduccão á grammatica, tambem a geometria he o priueiro passo, que nos conduz ao desenho, ao qual senão pode chegar bem sem ella, bem como a outra qualquer arte ou a outra qualquer sciencia. Com effeito he pela geometria, e por meio dos traços ou das linhas, que nos aprendemos a conhecer a longitude e latitude dos corpos; o que he recto ou curvo, o que he horisontal, perpendicular ou obliquo; o que he redondo, oval, quadrado, hexagono, octogono, arqueado, concavo, ou convexo; em huma palavra todas as figuras e todas as formas imaginaveis. E como não existe algum corpo, que não tenha alguma destas formas, he necessario começarmos por instruir nisto aos rapazes, que querem applicar-se ao desenho, e ainda mesmo empregallos nisso, até que estejaõ bem penetrados. Se eu tivesse muitos filhos, não quereria que algum delles se applicasse a huma arte, ou sciencia, menos que soubesse bem ler,

e

e escrever; quereria tambem, se eu pudesse, que aprendessem hum pouco de latim; e parece-me que na idade de dez ou doze annos, teriaõ conhecimento bastante para applicar-se entaõ á qualquer arte ou sciencia. Eu ponho de mais dez annos para amadurecer o espirito, e dar voo ao genio, o que nos conduz a vinte e dous annos. Inda accrescento mais dez para regular e escolher o genero de vida, que se quer seguir; o que faz trinta e dous. Tomemos outros dez annos, para chegar a perfeiçãõ, ou na theoria, ou na prática, o que completa quarenta e dous annos. Desta idade até aos cincoenta, é dahi por diante, se lá se chegar, he o tempo proprio para adquirir hum grande nome, e consolidar a sua fortuna.

Assim he que eu divido a vida de hum pintor. Com tudo o Ceo dispoem á sua vontade: huns avançaõ mais na carreira, e outros proseguem mais tardos; ainda que de outra sorte o trabalho he inutil, quãdo falta o genio: *absque ingenio, labor inutilis*. Em fim, a experiencia nos ensina que o meio mais seguro de ter successo feliz no desenho, he sujeitar-se á elle debaixo de hum habil mestre; applicando-se á elle com cuidado, e constancia; o que, em todas as sciencias, he o melhor meio de se tornarem faceis as cousas mais difficeis.



L I Ç A ò I.

PARA dar a hum alumno sólido fundamento da Arte do Desenho, e conduziillo ao que nella ha de mais particularidade, deve o mestre romper pelo trabalho de começar pelos principios mais simples, e persistir nisso, até que elles fiquem bem impressos na memoria do menino; porque sem isso he impossivel que faça algum progresso, bem longe de chegar á perfeição.

Os primeiros elementos do Desenho consistem pois em fazer diversos traços, ou linhas differentemente lançadas; isto he o que se pôde olhar como o alfabeto da geometria.

Exemplo.

Expomos aqui no principio aos olhos dos alumnos hum ponto notado na Est. I., Fig. 1.; depois huma linha perpendicular 2.; duas linhas obliquas 3.; huma linha horizontal 4.; duas linhas curvas 5.; e huma linha mixta 6.

Os alumnos devem começar, formando-se huma idéa exacta de todas estas linhas; o que lhes não será difficil; porque vem todos os dias a figura em os objectos, que se apresentam á seus olhos.

Porém, como não he preciso que se lixitem á theoria desta arte, e devaõ forcejar, para adquirir a prática; o mesmo mestre pôde traçar estas linhas sobre huma pedra, e ensinar-lhes á imitallas com hum ponteiro. Nenhuma duvida ha, que elles aproveitariaõ, depois do ensino de tres ou quatro dias; porém, faltan-

do-lhes ainda alguma cousa á este respeito, será facil ao mestre mostrar-lhes, de que modo devem pegar no lapis ou no ponteiro, e como o devem ter, para formar estes traços de hum modo elegante, e desembaraçado. Porque, acostumando-se discipulos no principio á hum máo methodo, se faz mais difficil corregillos ao depois, do que fazellos tomar hum bom no principio. Feito isto, póde o mestre passar a novas Lições, e a novos exemplos.

O mestre, que tiver dous aprendizes, quasi de hum mesmo tempo, poderá desde já conhecer, por esta primeira Lição, taõ simples, como parece, a differença do talento, e do genio de hum, e do outro; porque muitas vezes acontece que, o que brilhava mais no Collegio, desempenha menos aqui. Hum, mais desembaraçado que seu camarada, formará de repente seus traços com huma mão expedita; em quanto o outro, mais timido traçará os seus com huma mão indecisa e tremula, e, por conseguinte, os deitará a perder. Esta differença deve, em geral, ser attribuida á diferente educação, que se dá aos meninos. Por isso he necessario acostumallos desde logo á applicarem-se á seus exercicios com toda a attenção possível; recordando-se do preceito d'Horacio (Liv. II. Epist. 2.): *Que hum vaso conserva muito tempo o cheiro do primeiro liquor, que se lhe infundio.*

Por outra parte o mestre, que tem prudencia, deve observar attentamente o humor, e inclinação de seus discipulos, para conduzil-os todos a seu alvo, indaque sejaõ de hum character differente. Deve saber tambem, de que modo precisa portar-se, para instruir a mocidade com successo, e accommodar-se á inclinação do genio.

De-

Deve-se evitar tudo , quanto pôde fazer qualquer obstaculo ao adiantamento dos discipulos , e ter em vista hum meio proporcional entre o relaxamento e a grande severidade , ainda que a doçura he sempre o meio mais seguro. Boas palavras e modos honestos fazem infinitamente mais impressãõ sobre a mocidade do que huma violenta reprehensãõ , que he mais própria para o que tem a palmatoria , do que para quem tem a palheta , e o pincel , que devem ser manejados voluntariamente , e com prazer. Além disso , hum mestre não deve já mais deixar-se impacientar , quando tambem elle he obrigado a voltar mais de huma vez sobre a mesma cousa ; sobre tudo , quando vê , que seus discipulos fazem o mais que podem , para comprehender suas lições , e pollas em prática.

He certo que os principios são sempre mais custosos ao mestre ; porém recebe hum preço mais suave , quando vê que o discipulo faz constantemente novos progressos , e promete distinguir-se algum dia. He preciso pois que se não enfade de repetir muitas vezes a mesma cousa , porque a memoria , e concepção da mocidade são fracas , e delicadas , e á brevidade , servindo-me para isto do proverbio Latino : *Brevitas memoriae amica* , lhes he de grande soccorro.



L I Ç A Õ II.

HE deste modo, que nós corremos adiante de tudo, o que póde ajudar aos alumnos; e que bem longe de suffocar este nobre ardor, que se vé luzir de mais a mais na mocidade, nos empregamos a conservalo; porquê muitas vezes acontece que bellos genios venhaõ a perder-se pela severidade, com quê se trataõ. Ha outros muitos, aos quaes he inutil ter recebido da natureza hum genio proprio para a pintura, porque, pela ignorancia, dõs que os instruem, elles o empregao mal, em vez de que, se tivessem habeis mestres, teriaõ sem duvidaõ perfectamente sido felices.

Naõ se deve pois já mais forçar á hum rapaz a aplicar-se á huma arte, para a qual não se sente com propensaõ; porque tudo, o quê se faz por constrangimento, excita o desgosto. Bem se póde ensaiar, na verdade, sua inclinação a este respeito; porém, como hum bom cavallo não tem necessidade de espora, da mesma sorte o genio do discipulo não deve soffrer alguma violencia. Cumpre pelo attractivo do agrado estimular o natural, que de mais diso não quer ser opprimido. A arte da pintura, sobre tudo, requer, desde os primeiros principios, ainda que pareça desagradavel, hum modo livre; por isso he necessario ensinalla, para assim dizer, folgando. Naõ he necessario abraçar muitas cousas d'huma vez, nem accumular tudo junto, para evitar a confusaõ. Prosegue-se com segurança, quando se marcha a pequenos passos, em quanto correndo se arrisca a tropeçar, e tambem cahir, e não poder
por

por muito tempo levantar-se. Para este effeito, depois de ter ensinado a tirar huma linha recta, obliqua; transversal, curva ou mixta (no que os alumnos procuraõ muitas vezes excederem-se huns a outros; ainda sem conhecer a utilidade); hiremos pouco e pouco mais adiante (embora pareça pueril este methodo) introduzindo nos sua conducta; e fazendo-lhes ver, porque acabaõ de aprender esta primeira lição, a necessidade que ha de a saber bem.

He preciso pois examinar com cuidado se estas linhas são, como devem ser; para louvar os discipulos do que tiverem feito bem, mostrando-lhes com doçura as faltas, que poderiaõ ter commettido, e indicando-lhes o meio de as corrigir. Este methodo faz mais impressãõ sobre os que começaõ, do que os discursos mais estudados; porque he preciso que façãõ entãõ mais uso de seus olhos do que de seu espirito. Isto os anima a seguir o exemplo de seu mestre e a imitallo. Elles se exercitaraõ depois por si mesmos á tirar estas linhas, e a disputar entre si a quem as traçará d'hum modo que se chegue mais ao original.

A segunda Lição, que damos á nossos discipulos, parece definir-se primeira, e não parece de maior consequencia. Eis-aqui.

Exemplo:

A figura num. 7. da mesma Est. I. he hum círculo com hum ponto no centro, num. 8. he hum quadrado com hum ponto no meio; num. 9. he hum triangulo igualmente com hum ponto no centro; num. 10. offerece duas linhas perpendiculares e parallelas; num. 11. são duas linhas muito mais curtas, perpendiculares e

parallelas; num. 12. são duas linhas mais compridas e fechadas, parallelas, e perpendiculares; num. 13. apresenta duas linhas tambem curtas como as do num. 11, porém mais apartadas huma da outra, perpendiculares e parallelas; num. 14. he hum circulo com huma linha recta, chamada diametro, que o atravessa pelo meio; num. 15. he hum quadrado com huma linha perpendicular e huma horisontal que o separaõ igualmente pelo meio; num. 16. he hum triangulo equilateral com huma linha perpendicular que o parte em dous, de alto abaixo, e huma linha horisontal, que a parte ao travez.

As figuras que apresentamos aqui aos olhos dos alumnos, não lhes parecerão difficeis de imitar; por estãrem já exercitados em traçar linhas. Será não menos conveniente obrigarlos a occuparem-se com cuidado, lisongeando-os com a esperanza de lhes dar logo cousas mais agradaveis e mais essenciaes para fazer.



L I Ç A Õ III.

DEPÓS de ter feito conceber bem aos discipulos , o que he hum circulo , hum triangulo , hum quadrado , de que se tem falado na Lição precedente ; se lhes ensinará traçallos corretamente por meio do compasso e da regua , de que o primeiro serve para formar circulos , e a outra para tirar todas as sortes de linhas rectas sejaõ perpendiculares , obliquas , ou horisontaes ; promettendo algum premio , ao que fizer melhor. Depois , em lugar de pedra e ponteiro , se serviraõ do lapis e papel , e se haõ de passar , ao mesmo tempo , a terceira Lição.

Dar-se-lhes-ha tambem aqui alguns novos exemplos , que tendem aos precedentes , e se lhes ensinará a medir com o compasso , para saber , qual he a longitude , e largura , e altura. Para este fim , se lhes ajunta a medida , que he d'hum pé , notada por duas linhas transversaes ; Fig. 17. Est. I. , a que se segue , he hum terço , e a terceira he hum quarto. Deve-se tambem ensinar-lhes os termos d'arte , que formaõ , para assim o dizer , o seu alphabeto.

Exemplo.

Figura 17 Est. I. , he , como acabamos de dizer , a medida de hum pé ; num. 18 he humma pedra quadrada de hum pé de largo e de dous pés de alto ; num. 19 he huma semelhante pedra estendida ao comprido ; num. 20 he hum quadrado dividido em tres partes iguaes ; num. 21 he hum circulo com seu diametro horisontal ; num. 22 he hum triangulo com hum li-
nha

nhã tiradã de cada hum de seus angulos sobre hum de seus lados; os num. 23, 24, e 25, são tambem linhas parãlletas, perpendiculars, horizontaes, e obliquas.

Sẽ farã copiar esta lição aos discipulos, do mesmo modo que a precedente, lisongeando-os de occupallos logo com cousas mais essenciaes. Hum mestre habil não se limita a perguntar-lhes; se comprehenderão hem os exemplos, que se lhes deraõ; porẽm os obriga atracallos de novo em sua presençã; porque acontece algumas vezes que o tenhaõ feito bem, mais por acaso, do que pelas regras da arte. Depois de os achar desembaraçados ácerca disso, passa a huma lição mais importante. Deste modo he que elles formaõ huma justaidãa do contorno, e da disposiçã, que devem ter todas as figuras, que se lhes apresentar. Com effeito, assim como os que aprendem a lãr, se applicão no principio a conhecer bem as letras, depois a pronunciallas, e em fim a lãr; da mesma sorte devem ser, os que se applicão ao Desenho; porẽm não he preciso já mais tratallos d'hũm modo taõ imperioso como affectaõ os mestres de escola, nem imprimir-lhes temor; para não exigir delles mais do que huma honesta, e rãcionavel differença. Deste modo hum discipulo novo, que tem disposiçã, farã sensiveis progressos. Contemplarã com prazer todos os objectos, que o cercaõ, e quando perceber que a natureza, e arte o favorecem, elle se animarã, de dia em dia e elevarã o seu espirito a grandes cousas. Acontece o mesmo a respeito dos discipulos como aos meninos que aprendem a andar pela fita; porque pãde-se dizer que os homens são verdadeiros meninos, naquillo que não sabem; e os mancebos, bem instruidos, são ho-

mens

mens feitos antes que tenhaõ tocado a idade viril. Nós temos já feito deixar o compasso, e a regua a ñossos discipulos, e os temos louvado de terem humã maõ firme em tudo, o que traçaõ. Avancemos agora mais longe, pondo-lhes diante dos olhos algumas figuras feitas com Arte.



L I Ç A Õ IV.

DEIXEMOS pois aqui a terra, para ir vagar por hum espaçoso mar, onde os novos viajantes terão grande necessidade de melhor piloto do que o era Palinuro, que surpreso do somno, cahio nas ondas, e perdeu a vida; porque o que não tem bons principios, será sempre hum máo imitador. He pois essencial que os discipulos tenhaõ hum habil mestre, que lhes ensine os verdadeiros fundamentos da Arte e que se não contente com elementos superficiaes; porque, com boas instrucções, póde dar, em pouco tempo, grandes luzes aos que são activos e diligentes. Assim os Lacedemonios costumãvãõ escolher hum dos mais illustres, e mais habeis de seus magistrados, para vigiar sobre a educação da mocidade do seu Pais. Porém hoje os bons mestres são taõ raros, como os homens de bem. De sorte que com razão se lastima, que quantidade de genios excellentes, nascidos com talento, vem a ser máos Pintores, só pela razão de serem mal instruidos. He preciso convir em que a natureza tem muita força por si mesma, sem se lhe ajuntar a instrucção, e que esta he impotente sem o soccorro da natureza; porém póde dizer-se que a natureza he cega, se a Arte lhe não illumina os olhos. A natureza come-

ça a abrir seu fertil seio , e a apresentarnos huma infinidade de cousas , das quaes misturamos algumas com outras artificiaes , para animar ao nosso novo alumno pela representaçã do que lhe he já conhecido ; porque sabe-se que os meninos se affeioaõ com bem vontade a traçar objectos , que se representaõ diariamente á sua vista ; e assim he que a natureza imprime logo em seu espirito , o que concorda com sua inclinaçã. Naõ menos confesso que estas saõ as menores obras da Arte , e que he infinitamente mais bello saber pintar o homem , a mais nobre das creaturas , do que todos os objetos da natureza morta. Com effeito , que pôde haver mais glorioso , e mais digno d'Arte , do que representar hum ser animado de hum sopro divino , e que se pôde olhar como hum pequeno mundo ; que nos apresenta , em summa , todo o systema da creaçã ? Por isso mesmo haveria maior imprudencia em lhe pormos a maõ , e nos resultaria maior vergonha , do que teve Prometheu , quando roubou o fogo do Ceo , para animar o homem , que tinha formado á imitaçã do de Jupiter. Assim vamos continuar pelas cousas mais faceis , para chegar , pouco a pouco , ás que saõ mais elevadas.

Exemplo.

A fig: 26 da Est. I. , mostra hum pote de agua ; 27 huma janella ; 28 hum cópo de vinho ; 29 hum arco ; 30 hum tableiro de damas ; 31 huma colher de pedreiro ; 32 huma bacia de barba ; 33 hum coração ; 34 huma pá ; 35 hum trevo ; 36 hum losango ; 37 huma lata de chá ; 38 huma taça ; 39 huma maçãa ; 40 huma pera ; 41 duas cereijas ; 42 hum pecego.

Saõ.

São sem duvida, cousas communs, porém que são agradaveis de fazer á mocidade. Ellas podem tambem servir, aos que tem o espirito formado, para entrar com mais franqueza no seu palacio da natureza, e elevarem-se ás mais sublimes delicadezas da Arte. Com effeito, ainda que estas figuras sejaõ, por assim dizer, sem corpos, e se reduzaõ a linhas rectas, curvas, obliquas, etc.; he de huma necessidade absoluta o aprendellas, porque se lhes achaõ todas as especies de linhas, e de formas; e quando se sabe traçar bem os contornos destas bagatellas, nada ha a cujo fim senaõ possa chegar. Por exemplo, a colher do pedreiro, fig. 31, quasi não vem a ser outra cousa mais do que hum triangulo. O colo do pote d'agua, fig. 26, he huma especie de quadrado, o bojo he huma circumferencia, e o pé triangular. Porém quando se faz o bojo deste pote, primeiro se deve tirar o lado direito; depois o esquerdo, principiando sempre de cima para baixc. O mesmo digo dos lados do pé, que depois he preciso alinhar com igualdade. Feito tudo isto, tirai huma linha perpendicular pelo meio do pote, e vereis entaõ se está mais grosso de hum lado do que do outro. Assim he necessario executar todas as cousas segundo as regras da Arte, para que não falte nada. Deste mesmo modo se firmará, pouco a pouco, a mão, cujos traços serãõ sempre desembaraçados em tudo, o que se desenhar, ou seja no esboço, ou ao depois de acabado; em vez de que, desprezando-se estes principios, não se fará mais do que trabalhar ao acaso, e não se chegará nunca á exactidaõ, nem á hum perfeito conhecimento da Arte.



L I Ç A Õ V.

PARA chegar pois a este desembaraço de traços, e á exactidaõ, de que acabo de fallar, proporei o exemplo seguinte.

Exemplo.

AA da figura 43 da Est. I. notaõ duas linhas rectas perpendiculares. BB duas linhas rectas horisontaes. CCcc quatro linhas obliquas. Naõ se vé aqui no principio, senaõ linhas, que já saõ conhecidas pelo nosso discipulo, e que elle sabe traçar com justeza. Porém, em lugar de as chamar simplesmente duas linhas perpendiculares, horisontaes, ou obliquas, ensinallasemos a chamallas parallelas. Todos os traços da Arte devem ter seus nomes particulares, e isto he muito util, como adiante se verá. Naõ devemos pensar, senaõ em imprimir no discipulo huma idéa exacta das cousas, a medida que nós as traçarmos, para que naõ obre ás cégas, e naõ abraçe a sombra pelo corpo. Por isto naõ o accumularemos de hum montaõ de exemplos, que só serviraõ de embaraçallo, em lugar de lhe serem uteis. Buscaremos na verdade, dar-lhe algumas vezes hum exemplo ou huma comparaçaõ; porém será isto sempre de hum modo breve, preciso, e conveniente ao objecto, ao menos, quanto for possivel. Porém quando estivermos mais adiantados, lhe apresentaremos figuras mais complicadas, segundo o que pedir o caso.

Demais disso, he necessario advertir, que a linha horisontal de cima se chama o horisonte.,

te, e o pequenò olho, que se vê no meio, chama-se aqui o ponto de vista. As duas linhas, que sahem d'este oollo, e todas as mais, que se lhe poderem tirar, são raios visuaes. A linha horisontal debaixo, he a linha de terra. As duas linhas, tiradas d'hum e d'outro lado do horisonte, se chamaraõ linhas de distancia. Assim damos a cada huma destas linhas o nome, que lhe convém, e que se devem imprimir bem na memoria. Tambem ha ali huma linha em travez, que se avizinha mais do horisonte do que da linha de terra, e se diz, que he huma parallela ao horisonte; em vez de que se estivesse mais chegada a linha de terra, se diria, que he parallela á linha de terra.

Agora, para recrear o espirito dos discipulos, se lhes pôde dar, de tempos em tempos, para folhear, hum livro de estampas, ou de figuras desenhadas pelos mais sabios mestres. Esta vista excita na mocidade huma emulação toda particular. Porém he necessario ver, que as estampas estejaõ em livro a parte, e as figuras desenhadas em outro; porque estas duas qualidades de cousas são propostas aos discipulos em vistas differentes. As estampas servirãõ pois para os divertir, ao mesmo tempo que recordaõ o seu espirito. Quando elles tem examinado huma, se enfastiaõ de hir a seguinte, para ver, qual será a composiçaõ. Os nomes dos sabios mestres, que as tem gravado, e que se lhes ensina, junto com os elogios, que se lhes dá, os enchem d'hum novo ardor; sobretudo, aos que as concideraõ com alguma attençaõ, que estaõ resolvidos a applicarem-se toda a sua vida á pintura, fazendo-se habéis, a adquirir huma grande reputaçãõ nesta arte. Além disto, pôdem notar nestas estampas, o que elles

já

já tem aprendido, e deste modo certificarem-se de mais a mais nas regras da arte. E quem senão animaria a seguir estes três grandes modelos? quando ali se vê hum desenho correcto e elegante, figuras nuas de bella escolha, de movimentos graciosos, de paixões bem expressadas, (1) hum panno bem lançado, posturas pintorescas e concordantes, huma magnifica architectura, ornatos de bom gosto, huma bella composição, variedade nos toucados, e vestidos, segundo o costume dos differentes povos, como a armadura dos Gregos, dos Romanos, dos Persas, etc; n'huma palavra, tudo, quanto se pôde encontrar nas melhores gravuras. Porém tudo aquillo se vê inda melhor nos desenhos dos habéis mestres, e se pôde tambem tirar mais vantagem, porque alli se aprende a manejar o lapis ou o pincel d'hum modo facil, em vez de que não se saberia perceber o fei-tio destes mestres em as gravuras, onde tudo está invertido, ou, para assim dizer, vai ao contrario, do que mostra.

De modo que, se se der aos nōvos aprendizes hum livro de gravuras, e outro de desenhos, se esquecerão destes, depois de lançarem os olhos sobre as primeiras. Porém, não tendo á vista senão figuras, desenhadas, e que elles as correm de passagem, tomão nisso tanto gosto, que sua imaginação fica tocada, e se fortifica de dia em dia. Ainda que eu tenha sido
mais

(1) He bom enviar aqui ao excellente *Tratado das Paixões de Brun*, fazendo observar que se deve ter cuidado em procurar a edição original de B. Picart, que he muito mais correcta, e que, além disso, foi augmentada com muitos rostos, depois das edições contrafeitas, que apparecerão.

mais extenso, do que pensava no principio, li-sonjeo-me de que o leitor me não terá levado a mal; porque, o que acabo de dizer, não póde servir senão á perfeição da arte.

Torno pois ao exemplo proposto. Os nossos novos aprendizes conhecerão logo por si mesmos, porque, e em que vista, se traçaraõ as linhas, que ali vem; o que lhes dará hum novo ardor. Notaraõ tambem que todas as cousas tendem para seu centro; e que o meio de fazer seguros progressos he não affastar-se das regras d'arte. Para isto he que todas as figuras geometricas, que acabamos de traçar, e que te-riaõ aprendido a fazer, lhes seriaõ muito importantes; porque, deste modo, estaraõ em estado de darem razão de tudo, que fizerem.

Talvez, se nos dirá, que seria já tempo de examinar os progressos dos nossos discipu-los, e que seus pais se impacientaõ por saber, se elles tem propensaõ para esta arte. Eu não duvido da alegria destes; quando sabem que seus filhos principiaõ a aproveitar-se. Tudo, quanto podemos dizer nesta occasiaõ, he, que hum tem a concepção menos fácil e o espirito mais timido do que o outro; e que, para corrigilo destes defeitos, he preciso polo com ou- tro, que tenha mais fogo e vivacidade; porque he o meio de animar ao primeiro e tornalo mais desembaraçado, como tambem de mode- rar a petulancia do segundo, que se pode en- tregar mais hum pouco á sua imaginação. Este methodo produz logo hum bom effeito d'ambos os lados, e outro que attrahe mais respeito ao mestre. De mais disto, he verdade que todos os espiritos não são igualmente próprios para a pin- tura; porém não se saberia decidir tão precipi- tadamente; porque os discipulos devem ser a
 prin-

princípio firmes no desenho ; pãra lhes dar depois exemplos mais difficeis de imitar , e exercitallos a manejar o pincel , para os pôr , pouco e pouco , tambem em estado de pintarem figuras humanas , que são os objectos mais perfectos , que nós conhecemos. Para isto he preciso que os discipulos saibaõ desenhãr bem todas as partes , com este maravilhoso arranramento , e esta bella symmetria , que se lhes nota , sem desprezar o admiravel encadeamento das junturas , que as reune. Entaõ se poderá descobrir , como em hum fiel espelho , a que pôdem chegar ; se ao menos aprendem a traçar bem todas estas partês , segundo as regras da arte , tudo o mais , ainda que difficil seja , virã por si mesmo ; e assim he que nos os conduziremos ao que nisto ha de mais perfeito.

Com tudo este methodo não agrada a todo o mundo , sub pretexto de que se não quer fazer os meninos mais que simplics desenhadores ; o que não redundaria , nem em seu proveito , nem em sua gloria ; além do que , todo o mundo conhece , que este nobre exercicio he de huma grande utilidade , porque serve , para conhecer os talentos da mocidade , e se tem disposiçãõ para qualquer arte , que se serve do desenho ; e que , fóra deste , serve para regular a vista e formar o juizo. Não menos se vê que se criaõ os meninos , muito mais os dos grandes , em todos os exercicios corporaes , sem terem quasi cuidado algum do seu espirito ; e isto he , por huma grandissima paixãõ pelas riquezas. Porém , de que lhes servirá descenderem de huma familia nobre e illustre , se a fortuna lhes der de rosto ? Como não aprenderaõ cousa util , nada lhes restará : de sorte que se lhes pôde applicar o dito de Cataõ : *Opes fluxæ , ars perpetua.*

Além

Além disso, nada he mais próprio para a calmar o fogo da mocidade, do que o nobre exercicio do desenho; porque tudo, o que occupa agradavelmente o espirito, serve de moderar as paixões; e hum natural doce, opposto á hum espirito inconstante, forma hum agradável caracter, como temos já notado; assim os antigos julgavaõ que o azedo e doce compunhaõ o nectar dos deoses.

Tenho achado por experienciã que hum espirito alegre brilha mais na pintura do que o humor sombrio e melancolico. O gosto natural, junto á vivacidade de espirito, produzio sempre homens extraordinarios, maiormente na pintura, que he tão vasta e extensa; que não ha arte, nem sciencia no mundo, de que hum habil pintor não seja obrigado a ter alguma noção. A natureza dá mais vantagem a hum espirito alegre e vivo, do que a instrucção pôde subministrar á outro. Assim se vê que entre os mais sabios mestres, que leváraõ esta arte ao mais alto gráo de perfeição, ha muitos mais que não respiravaõ senão o prazer e alegria; do que, os que tinhaõ humor triste e melancolico. Raphael, Polidoro, de Caravage, Leonardo de Vinci, Pesyndel Vaga, o Parmesan, Primaticce, Pedro de Cortona, o Tintoret, o Giorgone, Luis e Annibal carache, o Albano, o Bassan, Lanfranc e outros muitos não foraõ elles de humor alegre e cheio de vivacidade?

» Ainda que os passares tenhaõ azas para voar,
 » disse hum escritor, com tudo as fechaõ, quan-
 » do querem pousar ». Pode-se dizer tambem que os pintores, que tem o espirito vivo, e ardente, tambem tomaõ descanzo; porém, quando os espiritos cobardes e pesados se querem esforçar a hum voo, elles se assemellaõ ao des-

graçado Icaro, cujas azas artificiaes não puderão sustentar no ar.

Finalmente, he certo que não se saberia obrar melhor, do que occupar a mocidade no estudo e nas sciencias; porque, quer a fortuna lhes falte, quer não, tem sempre isto por sua parte, que são então devedores á seus pais da boa educação que receberão. Assim os Pythagoricos tinhaõ razão de dizer que: » A virtude he o fundamento das Cidades; e a prosperidade dos estados dependê da boa educação dos meninos ». Accrescentai á isto que a natureza quasi nos conduz sómente ao interesse particular, e que a educação nos ensina a contribuir ao bem publico. A natureza nos faz aspirar a liberdade, ao mesmo tempo que a educação nos ensina a obediencia. Quantos bellos genios senão vem, que lastimaõ a falta de serem cultivados. Hóracio mesmo nos ensina que a educação o eleva sobre o natural. O que nisso ha de mais triste, vem a ser, que o mundo corrompido não sente o seu mal; de modo que com razão se pode exclamar: *oh tempos! oh costumes!* e com razão dizia Cicero, que os homens, para assim dizer, bebem com o leite, todas as desordens e tresvarios, em que se precipitaõ.



L I Ç Ã O VI.

NÃo se pode pois, ainda que se tenha a habilidade que for, julgar d'alguma coisa, que respeita á arte em geral, menos que senão possua a fundo o desenho, e que se tenha aprendido todas as suas partes. Ninguem ha, por huma razaõ mais forte, que possa dar seu parecer sobre hum quadro, nem decidir, se o pintor observou nelle todas as regras, não sabendo elle mesmo, em que consistem estas regras. He pois, a meu ver, huma grande inconsequencia da parte de certos amadores, que se consideraõ haheis, e que mesmo passaõ por taes, de fazer hum montaõ de todas as sortes de quadros, sem saber, o que comprãõ, se he de ouro ou de cobre; e de dar hum grande preço por huma obra, que nada vale; o que não pôde nascer senão da sua ineptidaõ. Com tudo, o mundo está cheio destes pretendidos conhecedores, que não julgaõ d'hum quadro, senão pelas cores brilhantes, que tocaõ seus olhos, incapazes de darem razaõ de nada. Porém se a arte recebe alguma vantagem da sua ignorancia, se pôde dizer, que não soffre mais algum prejuizo.

Além d'isto, he necessario notar, que se desenhaõ os objectos visiveis, medindo sempre a olho a distancia, que vai d'huma parte a outra; e que, para se firmar a maõ, se deve aprender felizmente o modo de manear o lapis, ou o carvaõ de madeira; o que consiste em ter hum ou outro, entre o polexe e index, e apoiallo sobre a ponta do dedó do meio, que deve estar hum pouco encurvado. O carvaõ de madei-

ra esteve sempre em uso, he verdade; porém parece-me que vale mais servir se do lapis, que he mais proprio, e cujo traço he mais bonito; além disso, he mais facil de apagar-se com miolo de pão. Comtudo penso que o carvão de madeira he melhor, para os que principiaõ, e o lapis, para os que tem já feito algum progresso.

O principal objecto do desenho consiste em fazer hum bom esboço; e por este motivo he necessario dar-lhe huma grande attençaõ. Alguns, por exemplo, para copiar huma estatua, principiaõ pela cabeça, que acabaõ com tudo, o que depende, e concluem depois o resto da figura de alto abaixo. Deste methodo se lhes segue, em geral, hum grande mal, porque fazem deste modo a cabeça, ou muito grande, ou muito pequena; de sorte que resulta hum todo disproporcionado; e que não concorda com o original; o que provém, de que elles não observaraõ bem as distancias, de que acabamos de fallar. Aquelles pois, que quizerem executar bem, se lembraraõ em tudo, o que tiverem de desenhar, de distinguillo no principio em suas differentes partes; de medir as distancias com o dedo, ou lapis, sem compasso, e julgar a olho, o que o acostuma pouco e pouco á justeza, que he a nossa principal guia, como tenho já dito mais d'huma vez. Assim, quando se tiver copiado o exemplo seguinte, do modo que o tenho já ensinado, e se possuir bem este methodo, tudo o mais virá a ser facil.

Exemplo.

Para se desenharem os dous objectos, que se vem distinguidos em differentes partes na Fig. 44. e 45. da Est. I. se traçará no principio o

pe-

pequeno, e depois o grande. Tirareis, com o vosso carvão de madeira, huma linha em cima, notada *a*; outra no meio, notada *b*; e a terceira na base, notada *c*. Vereis então, se a figura pôde entrar no espaço, que lhe destinaes. Continuareis depois a notar as partes menores até o fim; e passareis finalmente a traçar a figura. He facil ver, por este resumo, que a geometria he aqui d'huma absoluta necessidade, e que sem ella se naõ pôde traçar nada justo sobre o papel.



L I Ç ã O VII.

HE necessario copiar com cuidado os exemplos, que se vem na Est. II. O primeiro he hum oval, ou a forma de hum ovo. O num. 2 offerece hum rosto dividido em differentes partes. Os olhos estaõ n'huma distancia, que poderia ter alli a terceira entre os dous. O nariz tem o terço do comprimento do rosto. A boca tem tanta largura, como hum olho. As orelhas estaõ ao nivel dos olhos por cima, e da raiz do nariz por baixo, seja comprida, ou curta a distancia, conforme poder ser. Em a segunda cabeça; num. 3, vê-se a mesma divisaõ em comprimento, e largura; porém a figura, e as proporções da cara saõ differentes: a primeira he huma sexta parte mais comprida que larga; e a segunda he quadrada. Pelo que respeita ás mãos saõ duas vezes mais compridas que largas; e cada huma de suas partes tem seu proprio comprimento, largura, e grossura: vede as fig. 4, 5, e 6 da Est. II. O comprimento de hum pé he huma sexta parte do talhe de hum homem, e

he

he de cinco oitavos mais comprido que largo; vede as fig. 7, 8, e 9 da mesma Estampa. O comprimento do rosto, e das mãos deve ser exactamente igual, e faz tudo justo o decimo da altura de huma pessoa. Deve-se notar, além disso, que estas são proporções as mais regulares, tanto nos homens, como nas mulheres; e ainda que hajaõ poucas pessoas, que se assemelhem, não ha, quem se exceptue desta regra.

He preciso dar, ao mesmo tempo, outros exemplos; como a figura dos olhos, do nariz, da boca; e das orelhas, que se fará copiar com cuidado, e grande attençaõ. He necessario tambem ter exemplos, onde as sombras são notadas, e que eu chamo sombras corporaes, taes como as das fig. 10, 11, 12, 13, e 14 da mesma Est. II.; em quanto ás fig. 1, 2, e 3 desta Estampa não mostraõ senaõ o simples traço, ou contorno da cabeça.

Naõ se tem, digo eu, até aqui visto senaõ os contornos, passemos agora a encher, dando-lhes relevo por sombras, para fazer o que se chamaõ corpos sólidos. Para isto pois só falta dispôr as sombras, o que pede, que se acostume a desenhar com a sanguinea, e a notar os traços crusados de hum modo claro e distincto, sem os desenhar com pó, ou graons, como o ensinaõ alguns mestres.



L I Ç A Õ VIII.

OS exemplos que se dão na Est. II. , fig. 10, 11, 12, 13, 14, 15, e 16, mostraõ, de que modo se deve manejar o lapis, e nos fazem ver, ao mesmo tempo, que, para formar as sombras, he necessario, que os entalhes não sejaõ compostos senão de dous traços, que se cruzaõ, ou, em caso de necessidade, de tres para as sombias mais fortes; e que, para o relevo, ou redondeza, não ha mais que hum só. Nos recantos, onde os fundos, ou cavidades exigem toda a força do lapis, he necessario empoar, ou granisar, e seria hum enfado inutil empregar-lhe mais de tres entalhes huns sobre outros, como se mostra nestes exemplos. He preciso pois copiallos com cuidado, dar-lhe todo o tempo preciso, e não apressar-se; porque, desenhar pouco de huma vez, repetir muitas vezes a fazello bem, avança mais do que desembaraçar, e executar com presteza muito, e trabalhar apressadamente.

Para imitar pois bem estes exemplos, e todos os outros, he preciso ter traçado o contorno, tornallo a tomar com a sanguinea; depois disto se apaga com miolo de paõ toda a imperfeição do lapis, ou do carvão de madeira. O que feito, se retoca ligeiramente, por aqui, poralli, todos os cantos, que se pôde ter embaçado, esfregando-os, como são cabellos, olhos, nariz, boca, dedos, orelhas, o contorno, etc. Observar-se-ha, não se fazer traços senão muito subtis nos contornos, que recebem a luz, e aclarar mais, os que fazem as sombias. Assim he que o contorno parece natural, e as

figuras humanas , ou outros objectos , que se desenha tem huma belleza e graça toda particular. Depois se principiará a sombra por hum simples traço , porém assás forte todavia , principiando de cima , para conduzillo insensivelmente até abaixo , com a maior igualdade nas distancias que for possivel. Depois se passará a tinta clara , ou a redondeza , que se exprimirá do mesmo modo por simples traços mais , ou menos ligeiros , segundo os objectos , que se tem á vista ; por que ás meias tintas não devem já mais ser encrusadas. Eis-aqui estamos nós bem adiantados , e póde-se dizer , que está a obra meia feita. Para acaballa , e dar toda a força conveniente ás sombras , he preciso dobrar-lhe os traços , e tambem triplicallos , sendo necessario , como já o dissemos acima. Não resta mais que examinar a copia , para vér se he conforme ao modélo ; e achando-se que as sombras não são bem fortes , se poderão retocallas.

Notemos agora , o que as duas columnas num. 15 e 16 da Est. II. nos offerecem relativo ao objecto que tratamos. O lado de cada columna , que he igualmente illuminado , se chama *extremo claro* , da mesma fórma , que se dá o nome de *extrema sombra* , ao que he de hum escuro igual pelo todo ; em quanto , o que está virado para a extremidade da superficie , ou da circumferencia , se chama *relevo* , ou *redondeza* , por causa de que huma columna he tão redonda por diante , como pelos lados ; ou , melhor , se chama *meia tinta* ; porque a luz alli se diminue , e se desvanece. O mesmo se póde observar , não sómente em columnas , mas em todos os outros corpos redondos , que tem hum lado , onde a luz se diminue , e se perde ; quero dizer , em

em huns mais, e n'outros menos. Do mesmo modo he a superficie do abaco, ou quadrado assentado sobre o cume das nossas duas columnas; e he entãõ o que se chamaõ *tintas fugitivas*. A *meia tinta* toma este nome, por causa de ter hum meio entre o extremo claro, e o extremo escuro ou sombra, e de reunir por conseguinte estes dous extremos. Supponhamos, além disso, que huma destas duas columnas seja tambem carregada de baixos relevos, como a de Trajano, ou de Antonino; não menos se dirá que tem ella, em geral, suas luzes extremas, e suas sombras extremas, ainda que cada figura terá alli suas luzes, e suas sombras particulares.

Será, como hum cacho de uvãs, de que cada bago, tomado separadamente, tem sua luz, e sua sombra; porém que, reunidos, juntamente, dão ao cacho toda a sua redondeza.

Pelo que respeita aos entalhes, feitos com a sanguinea, he provavel que os aprendizes os acháraõ mais difficeis de executar, do que se fizessem com granitos estes lados; porém elles verão logo que lhes servem, para lhes firmar a mão, porque he de extrema importancia, que os traços sejaõ todos da mesma grossura, e de huma igual distancia entre si, para que as tintas escuras, ou claras se distingão melhor; o que faz que exijaõ mais juizo, e exactidaõ; porque se deve saber ao justo o effeito, que produziraõ dous ou tres ou quatro traços, que se crusaõ huns aos outros; o que não póde acontecer, quando se empoaõ, ou se granisaõ estes lugares, como he facil de conceber. He sem duvida inutil o fazer a apologia, por nos demoramos tanto tempo sobre estas circumstancias, porque ellas não podem servir, senãõ para darem firmeza, e

presteza á mão, como tambem grande justeza ao olho.

Talvez parecerá singular que dé eu aqui o mesmo exemplo de tres, ou quatro modos diferentes; o que pensei necessario, não sómente por causa da variedade, que alli se vé, e de que se perceberá logo copiado; porém, sobre tudo para que se tome huma idéa mais exacta da volta dos entalhes, como se vé na cabeça num. 13. Est. II. que está virada para traz, e naquella num. 14, que cahe para diante. Notai os entalhes, que apparecem na testa da cabeça, num. 13, e da outra seguinte, num. 14; huns volteão para cima em fórma de arco, e outros para baixo. Percebe-se melhor esta differença em huma columna, que está assombreada para cima, e para baixo do horisonte, sobre tudo se se entende a perspectiva. Bastará pois, para o presente, saber, em que circumstancias hé necessario variar os entalhes, para acostumar nisso a mão; porque nisso he, que consiste o bello estillo. Porém não he isto a unica cousa, que alli ha, de observar; pois hum contorno exacto, e desembaraçado não he menos essencial á huma obra, que, não o tendo, não pôde ser bella, nem agradavel.



L I Ç A Õ IX.

DEPOIS de ter fallado até aqui das cabeças, das mãos, e dos pés, como tambem do maneo da sanguinea, passaremos insensivelmente ás figuras. Apresento aqui aos discipulos outro exemplo para observarem nelle a estrutura das differentes partes do corpo, e seu encaixe. Debuxaráõ pois as duas figuras 1 e 2 da Est. III., em grosso ou em borraõ, ou ao menos suas principaes partes, com carvaõ de madeira, não lhe empregando mais que traços ligeiros; porém correctos, e principiando pela figura que está em pé. Além disso, he preciso que tracem primeiro o lado direito da figura; porque, quando os primeiros traços estão sempre expostos á vista, tambem o restante segue mais naturalmente, e dá menos trabalho. Em vez de que se se principia pelo lado esquerdo a mão rouba o objecto e o encobre a vista. Antes tambem que o discipulo applique o seu carvaõ sobre o papel, he a proposito e muito vantajoso, que tenha algum tempo o seu modello na mão, que o considere com toda a attenção possível, e que tome cuidado no modo, com que as figuras e seus principaes membros concordão juntamente; até que tenha impresso em seu espirito todas as suas posições; o que lhe dará huma grande facilidade para a execuçaõ.

Demais, não he ainda tempo de exigir do discipulo, que faça a sua copia maior, ou menor do que o seu modelo; seria isto exigir muito delle; assim nós nos limitaremos a fazelo executar da mesma grandeza. Para que pois a Fig. 1. da Est. III. se trace do modo mais seguro e

mais exãcto , he necessario que elle tire primeiro sobre o papel , com o carvaõ , a linha central ou perpendicular , e que reflecta sobre a relaçaõ , que deve haver entre a cabeça e o pé , sobre que a figura carrega , como o ensinei já na liçaõ sexta , a respeito do castiçal e do pote de agua. Ponha depois hum ponto no lugar , onde conjectura , pouco mais ou menos , que deve assentar a cabeça , o embigo , e o pé ; e debuxe entãõ as principaes partes da figura de alto abaixo. Feito isto , se perceberá bem , em que altura a figura seguinte , num. 2 , deve principiar , e se dirá elle a si mesmo , como se quizesse ensinar á outro : o alto da cabeça desta mulher deve estar em o nivel com o peito do homem ; onde elle asinalará hum ponto. Sua barba deve achar-se em nivel com o embigo do homem , e porá tambem hum ponto , e assim do mesmo modo em todas as outras partes até o fim ; e , deste modo , tudo se achará em seu justo lugar. Porém , para executalo , he necessario que o desenhador esteja em socego , e naõ ouça algum ruido , para poder facilmente notar as suas faltas , e vir a ser , para dizer assim , mestre , aindaque ao presente naõ seja mais que discipulo. Naõ terá mesmo quasi mais trabalho em debuxar quatro ou cinco figuras depois , ou mesmo huma vintena , se o quizer , do que huma só ; porque pôde seguir a respeito de todas , o methodo que terá observado neste exemplo , que faz ver que as figuras d'huma composiçaõ procedem , d'algum modo , huma da outra. Depois de estar o debuxo tirado em borraõ ou pelo maior , e as principaes partes se achaõ em seu justo lugar , applicará huma grande attençaõ em comparar a sua copia com o modelo , para ver ; se a disposiçaõ está

está bem observada, e se as figuras produzem todo o seu effeito ; porque se isto não for bem exactamente notado no esboço , elle experimentarà tanto trabalho e desgosto em retocar a sua obra , que perderà logo a emulação e ardor , que tinha , para o trabalho , antes de ter ametade concluida. Mas se o esboço estiver bem traçado ; se o encontro das partes estiver observado com cuidado ; se se lhe tiver ajuntado ou separado , o que he necessario , pôde esperar-se d'hum feliz successo.

Quando se vem a passar o lapis vermelho sobre o esboço , deve ter-se cautella sobretudo que não faça desaparecer a alma , que já se lhe acha ; o que facilmente acontece , se não se notaõ , quaes saõ as partes , que daõ hum movimento natural , e acção ás figuras.

L I Ç A ã O X.

DEPOIS de ter o discipulo comprehendido bem o que até aqui temos ensinado ; será o tempo de dar elle as provas do que sabe fazer no desenho , e de trabalhar sobre principios solidos e fixos. Se lhe dará entãõ hum baixo relevo , quero dizer , hum ajuntamento de duas figuras, huma representada com roupas, outra nua , para ver se tem cumprido bem tudo , o que nos temos notado sobre os esboços , composiçaõ , disposiçaõ , e a curvatura , que deve dar aos entalhes , segundo a diversidade dos objectos ; do modo que está indicado nas Fig. 3, 4, 5, 7, 8 da Est. III. Porém he necessario, mais que tudo , ter cautella , em que elle não ponha o seu modello , nem muito perto nem muito longe da luz , e que o tenha n'huma distancia taõ proporcionada que a sombra seja de huma força conveniente ; porque , quanto mais apartado estiver da luz , tanto mais pareceraõ as sombras fracas e duvidosas. Não he necessario igualmente que o discipulo esteja sentado muito perto do objecto ; porém deve achar-se n'huma distancia racionavel , quero dizer , que possa distinguir facilmente as attitudes , e sobre tudo as sombras dos olhos , do nariz , da boca , e das outras partes essenciaes ; o que prova não estar elle muito retirado. Em terceiro lugar , deve por o objecto n'huma tal altura , que os olhos das figuras estejam ao nivel dos seus , como diremos depois , com mais extensaõ. Em quarto lugar , he preciso ter cautella em não receber mais que huma luz mediocre por huma só janella ;

vis-

visto que assim se observaõ melhor as sombras do que por grandissima luz, que entra por muitas partes separadas humas das outras ; o que faz as sombras duvidosas. Seria inutil ensinar aqui ao discipulo, de que modo deve ter a sua pasta ou papelaõ, sobre que desenha, porque elle o vê praticar todos os dias pelos outros. Depois que tiver copiado o baixo relevo, de que acabamos de fallar, poder-se-ha julgãr, se elle está em estado de passar adiante, e desenhar com branco e negro sobre o papel pardo, ou azulado ; porque quando se sabe dispôr bem os entalhes, torna-se facilmente mestre do resto.



L I Ç ã O XI.

DEPois de ter fallado do esboço, e da posição das figuras, na sexta e nona Lições, como tambem do ambito ou volteado dos traços, ou entalhes, na oitava ; não deixará de ser util passar ao Desenho, que se faz com pedra branca e negra, sobre o papel escuro, ou azul. Para adquirir facilidade a este respeito, não ha melhor meio, do que exercitar-se em imitar o gesso, ou os Desenhos realçados de branco ; porque o costume, segundo diz o proverbio, he huma segunda natureza. Debaixo desta vista he que representamos ao novo aprendiz cabeças imitadas do gesso, nas Est. II. e III. Mas em vez de que, sobre o papel branco, se arredondaõ os objectos pelas sombras, poupando as luzes ; deve-se, pelo contrario, poupar aqui as sombras, e arredondar as luzes com o lapis. Isto não he, porque de todo se não necessita de sombras ; porém só se precisa de pouca, e sómente

te em certos lugares. Depois de se ter traçado o contorno, se desenha, com a pedra branca, as partes mais salientes e mais illuminadas, como a testa, o nariz, e as faces, que se esbate pouco a pouco não com entalhes ou traços, porém empoando somente nos lugares, onde a luz vem a ficar, e onde se reúne com a sombra, como se pôde vêr sobre iguaes desenhos. Feito isto, toma-se a pedra ou lapis preto, ou vermelho, e acaba-se as sombras com entalhes, por toda a parte onde devê havellas. Depois se esclarecem, ou se illuminaõ os claros do mesmo modo com o lapis branco.

Além de ser este modo de pintar muito agradável, he o mais expedito, e por conseguinte mais vantajoso para o pintor: Eu não vejo tambem, se me he permittido dizer o meu pensamento, que os entalhes sobre o papel branco sirvaõ de alguma cousa na pintura; em vez de que o outro methodo he de grande socorro. E verdadeiramente, se houyessem lapis de todas as cores, o que se tivesse assim executado, não faria o effeito de huma pintura? he pois essencial instruir-se a fundo neste methodo, que, além disso, não he tao facil, como se poderia imaginar, menos que senão tenha aprendido antes a manejar o lapis vermelho. Por outra parte, não se devê deixar allucinar por hum bello modo, porque o mais bello, e o mais expedito manejo do mundo não poderia já mais fazer hum desenhador habil e completo: a exacta postura, a bellezã do contorno, e a relação das partes entre si, e com o todo, são, por onde devê elevar a sua perfeição. Por isso eu recommendo tambem, mais que tudo, aos discipulos, não se applicarem á pintura, senão depois que hum sabio mestre tiver julgado que el-

elles estão expeditos no desenho. Não he que eu pertenda, como alguns pintores, que seja necessario empregar desoito, vinte, ou vinte e quatro annos a manejar o lapis, antes de passar para o pincel. Bem longe disso, eu penso que he máo, se se toma, para fazer perder assim hum tempo destinado ao uso da razaõ. Porém he muito ordinario aos novos aprendizes, que se ouvem louvar, supporem-se capazes de manejarem depois em tudo o pincel, ainda que apenas saibaõ pegar no lapis. Outros ha que, cheios de ardor no principio, o perdem pouco depois. Vê-se finalmente huma terceira especie, que nada mais fazem que passar de huma cousa a outra, e que acabaõ sabendo nada; porém voltemos ao nosso objecto.

Porque temos já instruido o nosso discipulo em copiar hum Desenho, he acertado que saiba, de que modo he preciso desenhar o semblanté risonho, que se vê na Est. III. num. 5. Elle não deve notar com algum traço as pequenas rugas, que estão nos lugares illuminados; porque ficariaõ muito asperos, e o fundo do papel basta para isto; ainda que todos não sejaõ deste parecer. Principiará pela luz mais alta, quero dizer, pela testa; dalli passará ao nariz, e assim ao mais. Mas, para conseguillo bem, fará primeiro huma grande massa de luz, que distribuirá, como temos já dito, depois de lhe ter já dado hum grande talho de força. Supponde, por exemplo, que hum rosto esteja atravessado por quatro linhas parallelas, de que huma passa pela altura dos olhos, outra pela do nariz, a terceira pela da boca, e a ultima pela da barba. Tomai depois hum papel, e cobrindo o rosto até á mais alta linha, vos vereis entãõ somente a testa. Passai o lapis em to-

do este lugar illuminado ; isto feito , abaixai o vosso papel té a segunda linha , e continuai pelo nariz que desce directamente da testa. Passai dalli as faces , aos olhos , e a tudo , o que he de sua dependencia ; e vós apprendereis assim que huma luz nasce de outra. Vinde depois á boca , e ao queixo , reservando por ultima a barba. Deste modo vireis a ser de repente meliores na semelhança , e imitação do que por outro qualquer methodo.

Agora poderá o nosso discipulo desenhár as mais bellas figuras de gesso , taes como Apólo do Vaticano , Venus de Medicis , Antonino ; o que contribuirá a dar-lhe emulação , e a fazzello , hum dia , hum mui habil mestre. Assim he , digo eu , que elle se aperfeiçoará , pouco a pouco , no desenho , e passará da imitação das figuras de baixo relevo , a desenhar a vista da natural ; porque hum he o ultimo degráo , que conduz para o outro.



L I Ç A Õ XII.

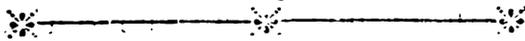
NÃo resta fazer mais do que algumas notas sobre a posiçãõ, que o discipulo deve tomar, para ver commodamente as figuras, que quer desenhar, e que se achãõ em huma altura maior ou menor. Qualquer cousa, que tiver á vista, e quizer imitar, deve sempre observar, (quando a base do objecto se acha ao nivel do olho) por-se de geito, seja de pé; ou assentado; que possa encarar o objecto, do mesmo modo que o papellaõ, donde trabalha, sem mover a cabeça, nem para cima, nem para baixo; porque, além da perda de tempo, que isso causa, o olho se distrahe, e se varia. Pelo que respeita a distancia, em que se deve ter, he preciso que seja proporcionada a grandeza do objecto; quero dizer, quanto maior for o objecto; tanto mais retirado se deve estar; como faremos ver ao depois, quando falarmos do desenho a vista do natural.

He tempo de occupar-se o nosso discipulo em desenhar em ponto grande o modello, que lhe foi dado em pequeno; ou em ponto pequeno, o que elle vê em grande; porque he de huma necessidade absoluta que elle se exercite a julgar bem as proporções; e que por hum dilatado habito, o seu olho lhe sirva de regua e de compasso.

Quando o nosso dissipulo tiver chegado a este ponto, e tiver aprendido bem, o que acabamos de ensinar, he a proposito que elle examine suas forças e seus talentos; que saiba em fim, de que lado a sua propensaõ o arrebatã, e de que modo quer estabelecer-se no mundo.

Porque não ha arte , nem sciencia , de que com soccorro do desenho , não possa elle fazer-se mestre.

Assim os pais e tutores devem buscar mestres habeis para seus meninos , porque sua felicidade depende desta escolha. Seria de de-sejar que, os que tem meninos, se aproveitassem deste aviso , cuja pratica não deixaria de nos dar ; do mesmo modo , que em França , e Italia , grandes artistas , e excellentes mestres , que animariaõ os bons genios , que ha nestas Provincias , e que se perdem por falta de serem bem cultivados,



L I Ç A Õ XIII.

A JUNTAMOS ainda algumas reflexões sobre os diferentes modos de desenhar, que estão em uso.

O desenho á penna nos parece hum trabalho, tão máo, como inutil, e que he mais proprio á hum mestre de escola do que a hum pintor, posto que alguns gravadores tenhaõ buscado introduzir este modo, que não póde servir, se não de fazer perder hum tempo precioso aos verdadeiros artistas.

O modo mais difficil, e, por consequente, o mais vicioso, he fazer desenhos a lapis, para os concluir com aguada, ou tinta. Com tudo semelhantes desenhos, executados por huma mão habil, adiante de bons quadros, são de grande merecimento, ainda que pouco uteis aos desenhadores, e principalmente aos novos discipulos, a quem este estillo faz perder muito tempo.

Não ha melhor modo de desenhar sobre o papel branco (sejaõ figuras ou paisagens, e que sirva ao mesmo tempo de principios para a gravura) do que empregar o lapis vermelho, que produz hum effeito agradavel, porém cujo maneio he difficil. Comtudo, servindo-se deste procedimento, não he necessario fazello com linhas muito desunidas, como o fazem em geral os novos gravadores, ou procurando de empôalo; mas sim fazer os entalhes ou traços d'hum modo firme e desembaraçado, e não os cruzando já mais duas ou tres vezes huma por cima da outra: o que forma huma mão firme, e ensina a conhecer a forma das cousas, que se copiaõ.

O desenho sobre o papel escuro, ou azul,

fa-

fazendo os realces com o branco, como temos dito, na lição undecima, he o modo mais agradável, e o mais expeditivo; he tambem sem controversia o mais util e o mais perfeito, tanto para compor, como para desenhar diante do natural, e para depois servir, para executar hum quadro; porque he, o que tem mais commodo, compondo, para indicar, com hum lapis branco n'hum esboço, as luzes claras, sejaõ d'huma luz natural, ou artificial, principiando pela parte principal, degradando tambem insensivelmente, deixando o mesmo fundo, para servir de sombras. Este estillo he tanto mais commodo, quanto he facil de estabelecer-se, com hum dedo humido, a força dos realces, e tambem destruilos inteiramente; quanto, por assim dizer, he impossivel produzir o mesmo effeito por sombras sobre o papel branco. Depois disto, pode-se formar huma idéa de quanto he agradável, desenhando a vista do natural, qualquer objecto, que for, o poder dar-lhe redondeza ou relevo por meio dos realces sós, que, ao mesmo tempo, lhe produzem as sombras; e daõ huma harmonia juntamente, obrigando somente a indicar, por todós os lados, alguma sombra forte, produzida por grandes cavidades, para distinguir por esse lado os reflexos. No caso em que o fundo seja hum pouco mais assombreado, se produzirão os reflexos por realces fracos. Esta especie de desenho he tambem, sem controversia, o melhor para servir de modello, quando se quer empregar estes esboços em hum quadro; porque huma figura pintada á vista d'hum modello igual tem toda a verdade da natureza, excepto o colorido. Além do que, desenhando a vista do natural, goza-se, por este modo, da vantagem de poder melhor dar ao desen-

senho o movimento de vida ; porque qualquer outro exige mais tempo , o que safa por conseguinte o modelo , e produz nelle grandes mudanças.

Restanos notar : que o lapis negro faz muito melhor effeito sobre o papel escuro , ou azul do que o lapis vermelho ; por causa de que o negro tem mais rellação com estas duas cores do que o vermelho , e se conforma tambem melhor com os realces. De modo que eu aconselharia , que senão servissem já mais do vermelho , não sendo difficil achar a boa pedra , ou lapis negro ; o que para o fim he bem indifferente , quando só se quer lançar seus primeiros pensamentos sobre o papel , e não de executar figuras completas , que eu quizera que se fizessem sempre á vista de quadros , ou de outros mestres ; ou de si mesmo.



L I Ç A ò XIV.

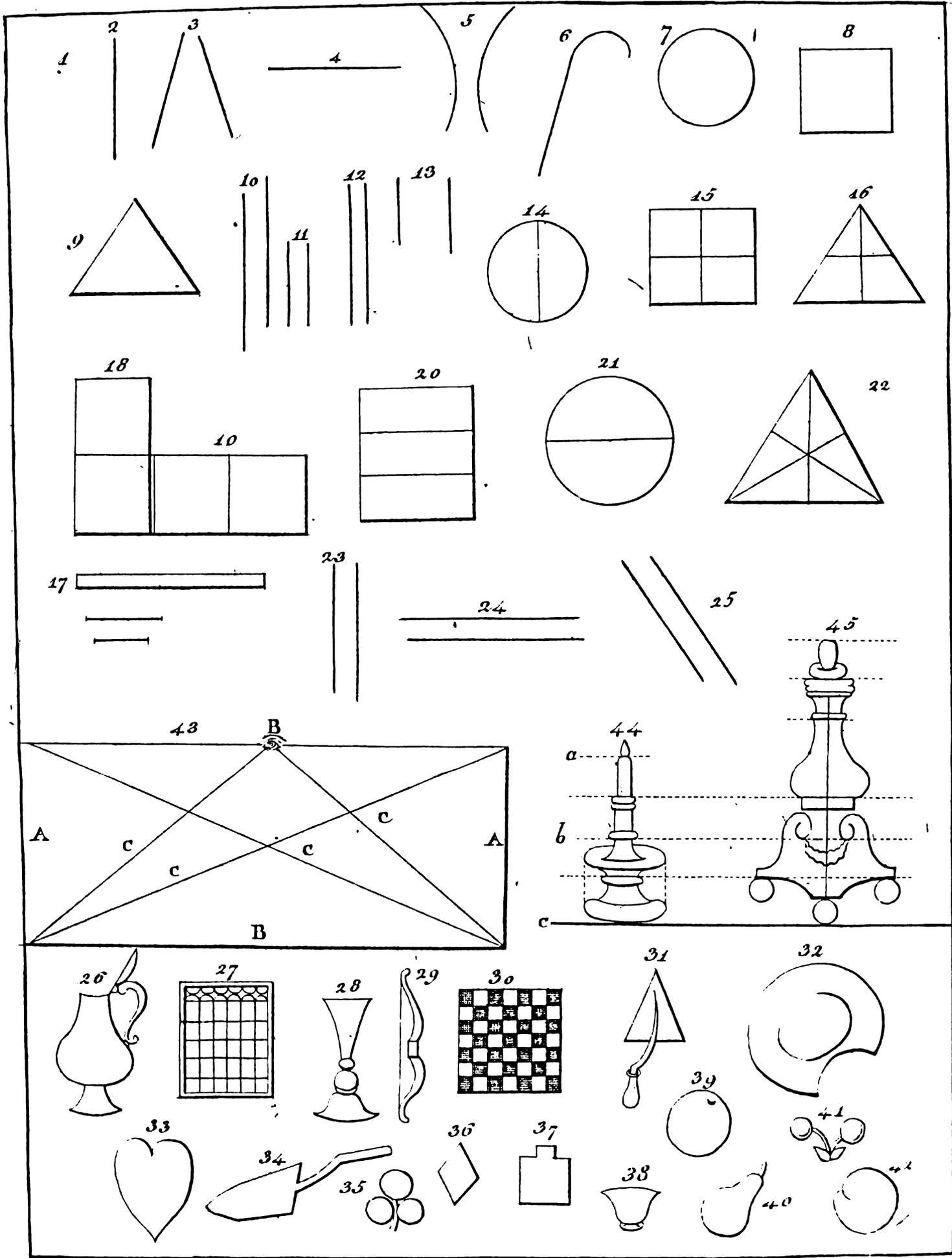
QUANDO eu era principiante , e que somente tinha huma muito fraca idéa da belleza das obras antigas , me impunha hum dever de copiar com a mais escrupulosa exactidaõ o modélo nú , que eu encontrava na academia , assim como meu pai me tinha ensinado. Porém , quando eu queria servir-me destas figuras academicas nos meus quadros ; eu as achava muitas vezes taõ pouco correctas , e taõ pouco concordantes com o resto da minha obra , que aquillo me embarçava ; de sorte que me via obrigado a fazer lhe grandes mudanças ; o que me enganou muito ; não podendo assás admirar que a natureza mesma me conduzisse a iguaes erros , em quanto me parecia taõ bella , e mesmo inimitavel. Mas , reflectindo melhor ao depois , achei que isto vinha do pouco conhecimento , que eu tinha da antiguidade ; appliquei-me pois a estudalla com cuidado , e depois daquelle tempo , considerei a natureza debaixo d'hum differente aspecto , o que não tinha feito até entaõ ; o que me deu meio de corrigir o meu modello , desenhado a vista da natureza , sem muito custo ; e por assim dizer , sem o pensar. O melhor methodo , segundo me parece , para desenhare com proveito figuras academicas , a vista do modello , he copiallo exactamente , sem lhe mudar nada ; principalmente sendo de muito bella proporçaõ por si mesmo , e quando se não tem ainda adquirido hum conhecimento bem profundo das bellezas da antiguidade ; occupando-se ao mesmo tempo em adquirir este conhecimento pelo estudo reflectido

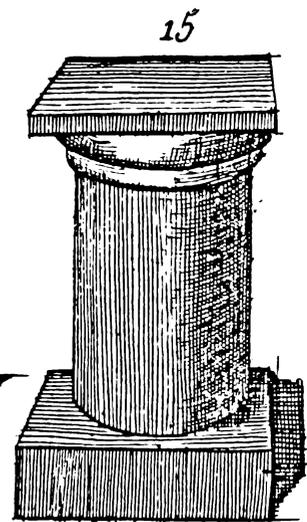
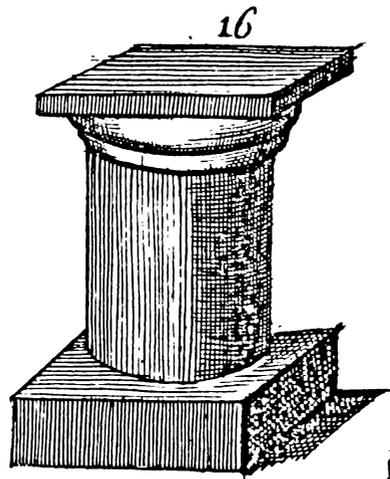
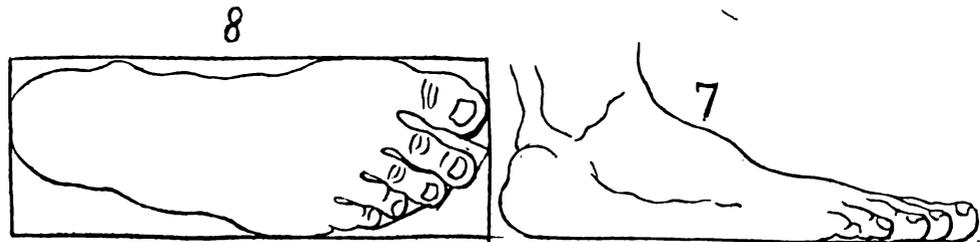
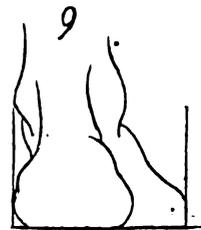
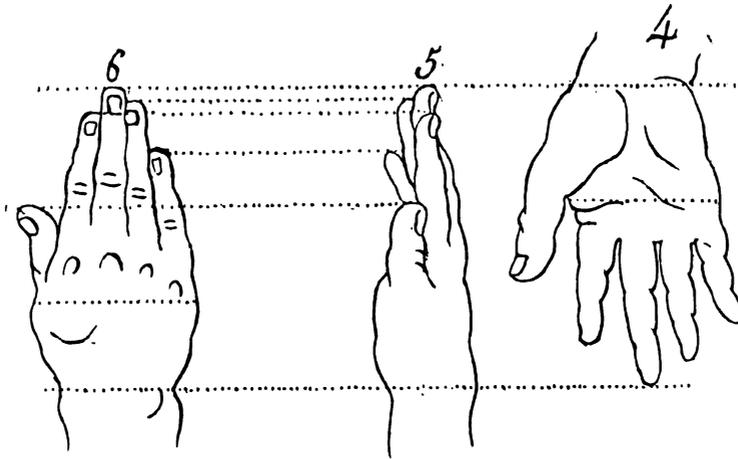
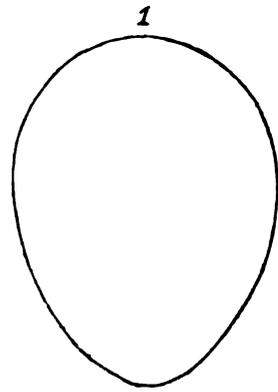
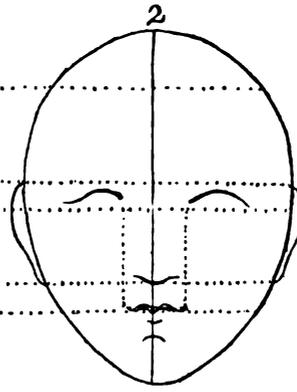
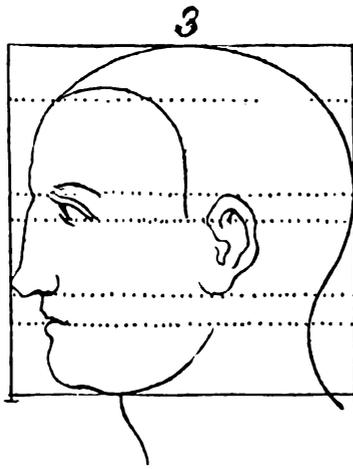
do de bons gessos , e de bellos desenhos , ou bellas gravuras ; sem com tudo molestar a cabeça , e sem fatigar o espirito ; comparando com estes objectos todas as partes de seu modello ; o que conduz a distinguir sem trabalho o antigo do moderno. Para facilitar mais este estudo , recorrerás a anatomia ; não para vos instruir a fundo nesta sciencia , mas sómente para aprender a conhecer o verdadeiro encaixe dos ossos , dos musculos , dos nervos , dos tendões , etc ; sobretudo os principaes e que se fazem notar mais , taes , por exemplo , como os musculos do pescoço , das omoplatas , das cadeiras , das coixas , das pernas , dos braços , etc ; porque sem este estudo he impossivel chegar a correccão do desenho.

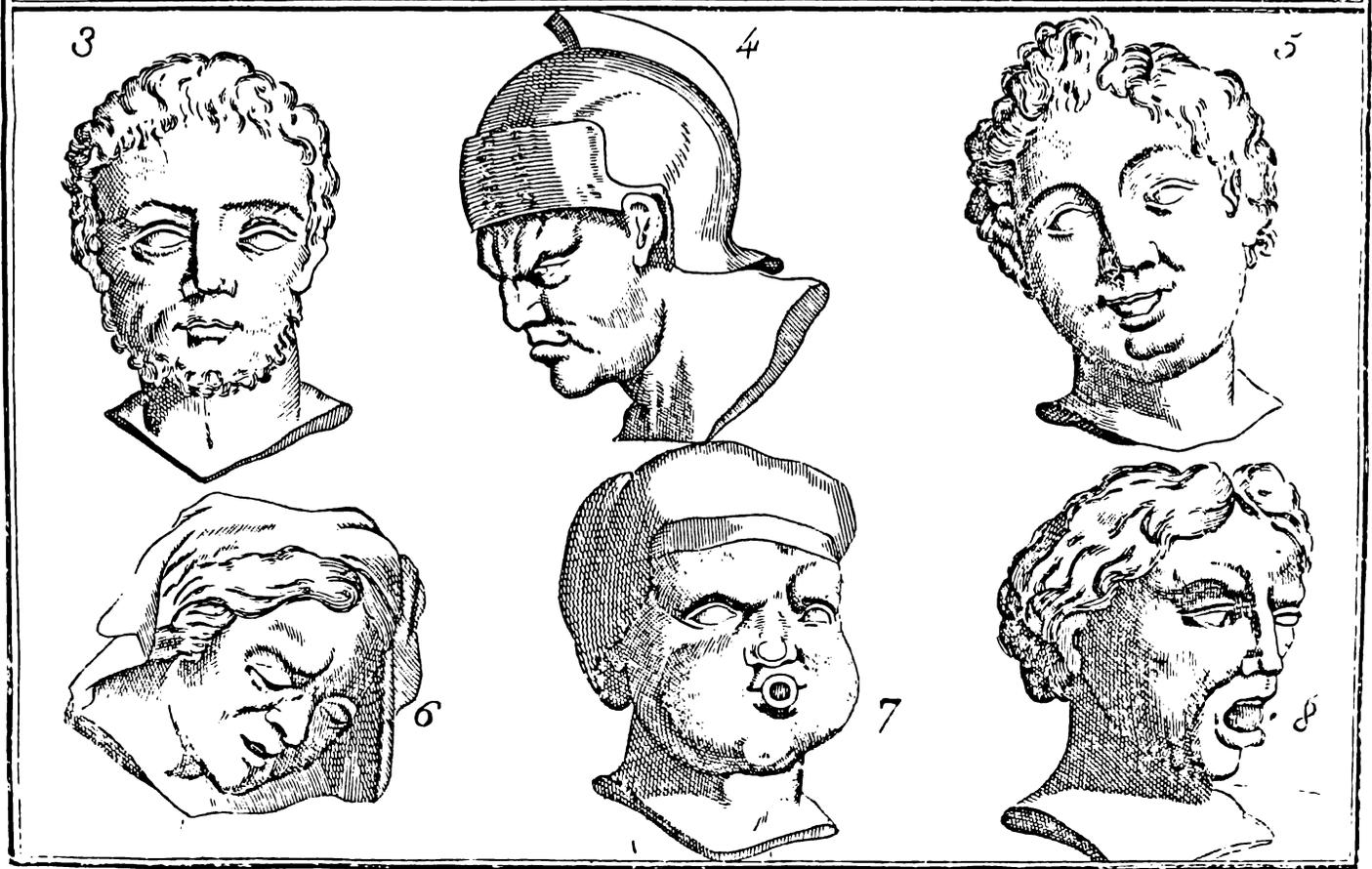
Para desenhar a vista da natureza , he necessario observar por bem : 1. A distancia , em que he necessario pôr-se do modello , para poder considerar no inteiro ou no todo debaixo do seu verdadeiro ponto de vista , e aquillo sem ter precisão de levantar a cabeça , como o temos já dito na duodecima lição. 2. Sua linha central ou de gravitação , quer esteja de pé , quer assentado , para que se possa conhecer , quaes são as partes que sustentão maior peso ; o que conduz para saber. 3. Quaes são os membros , que se achão actualmente em acção , e que musculos devem ser mais fortemente declarados. 4. A sombra conduzida sobre o plano , em que está posto o modello com seu comprimento e largura , para saber , onde he necessario assentar a figura na composição , se a direita , se a esquerda , ou no meio. Por ultimo 5. O horizonte , para que seja o mesmo , que se deve empregar no quadro ; o que he despresado mesmo por muito bons mestres , que assentão in-

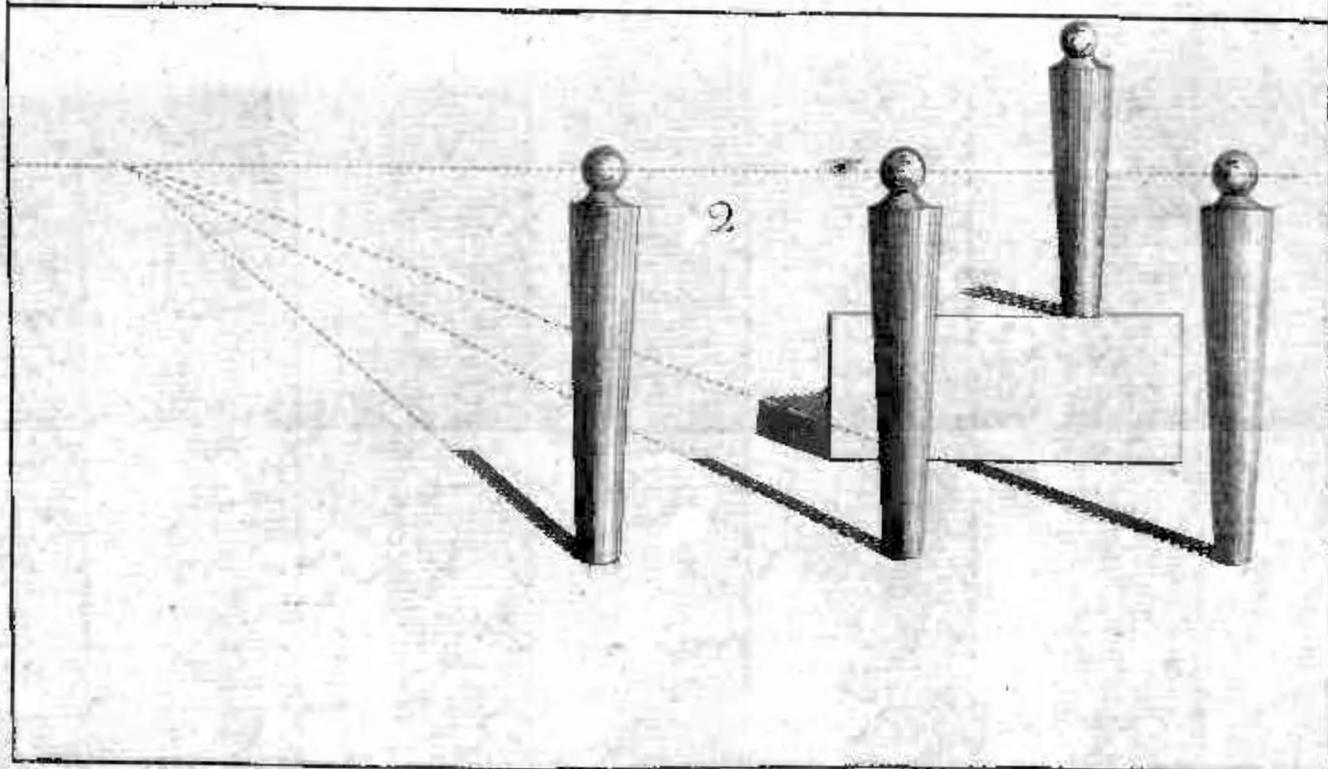
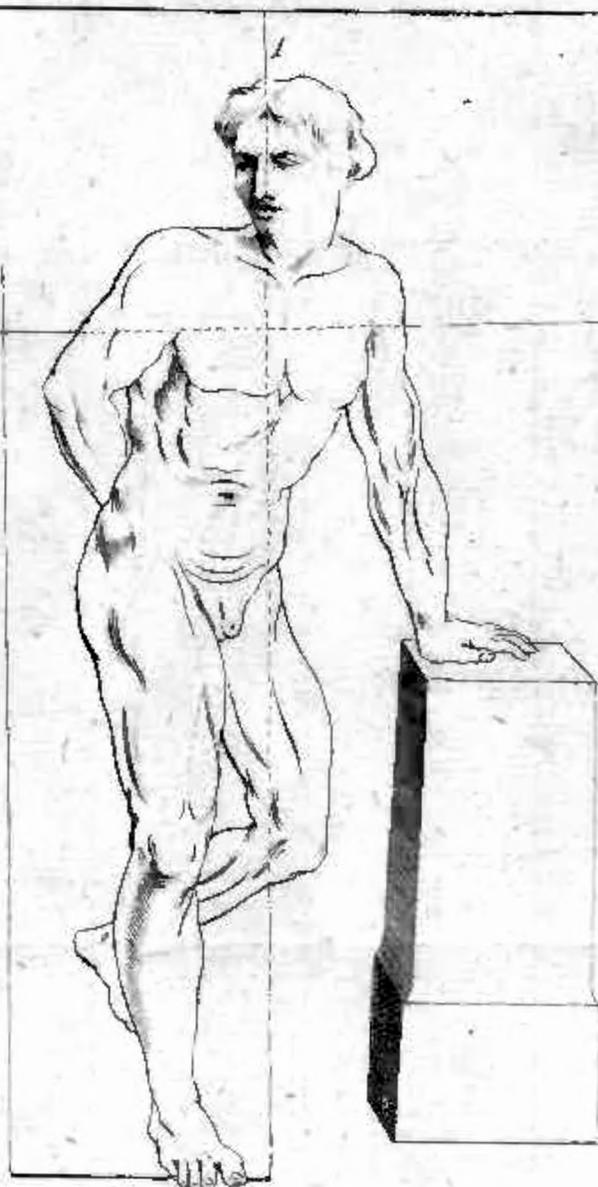
differentemente a esquerda huma figura, que deveria estar a direita do ponto de vista; contentando-se com mudar a sombra conduzida, segundo as leis da perspectiva: vede a Est. IV. Fig. 1. e 2.

O melhor modo, e o mais seguro, para desenhar a vista do natural, he pensar sempre em cada parte do corpo, e recordar-se do justo encaixe, e verdadeiras formas, ou contornos sem as variar ou alterar. Porque os que contra-hiraõ hum estillo vicioso peccaõ ordinariamente nisto, vem a ser, alçando ou levantando as partes inteiras do contorno de suas figuras, como se ellas fossem montões grotescos; o que acontece de esbaterem muito; e tornaõ, por assim dizer, imperceptiveis as partes salientes ou os musculos; ao mesmo tempo que outros cahem no deffeito contrario, avivando com força igual todos os musculos, sem deixar algum por pequeno que seja; de modo que suas figuras parecem esfolladas. He necessario pois applicar o maior cuidado e attençaõ sobre a redondeza das partes illuminadas, para polas a principio com as formas do contorno, sem se deixar seduzir, pelo que se chama hum modo grande, e desembaraçado, ou pelo que se chama suave e corrente, conformando-se sempre com a verdade da natureza.











<http://biblioteca.ciarte.pt>